

JULIANA LINHARES

**O ESTÁGIO DE INTRODUÇÃO À PRÁTICA FISIOTERAPÊUTICA
DO CURSO DE FISIOTERAPIA DA PUCPR: UMA APRENDIZAGEM
CONTEXTUALIZADA NA FASE PRÉ-PRÁTICA**

Dissertação apresentada à Pontifícia
Universidade Católica do Paraná, como
requisito parcial para a obtenção do título
de Mestre em Educação, Linha de Pesquisa
Teoria e Prática Pedagógica no Ensino
Superior, sob orientação da Professora
Dr.^a Pura Lúcia Oliver Martins

**CURITIBA
2004**



**ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE DISSERTAÇÃO N.º 304
DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE**

Juliana Linhares

Aos quinze dias do mês de abril de dois mil e quatro, reuniu-se na Sala do Colegiado do Centro de Teologia e Ciências Humanas, a Banca Examinadora constituída pelas Professoras: Prof.^a Dr.^a Pura Lucia Oliver Martins, Prof.^a Dr.^a Ilma Passos Alencastro Veiga e Prof.^a Dr.^a Joana Paulin Romanowski, para examinar a candidata Juliana Linhares, ano de ingresso 2002, do Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado em Educação, Linha de Pesquisa Teoria e Prática Pedagógica na Educação Superior. A mestranda apresentou a dissertação *O ESTÁGIO DE INTRODUÇÃO À PRÁTICA FISIOTERAPÊUTICA DO CURSO DE FISIOTERAPIA DA PUCPR: UMA APRENDIZAGEM CONTEXTUALIZADA NA FASE PRÉ-PRÁTICA (ESTUDO DE CASO)*, que, após a defesa foi aprovada pela Banca Examinadora. A sessão encerrou-se às 16 horas. Para constar, lavrou-se a presente ata, que vai assinada pelos membros da Banca Examinadora.

Observações: o trabalho apresenta qualidade acadêmica por tratar de uma temática atual tendo em vista a implantação das diretrizes curriculares para os cursos de Fisioterapia.

Prof.^a Dr.^a Pura Lucia Oliver Martins

Prof.^a Dr.^a Ilma Passos Alencastro Veiga

Prof.^a Dr.^a Joana Paulin Romanowski

Prof.^a Dr.^a Lílian Anna Wachowicz
Diretora Adjunta dos Cursos da Área de Educação:
Pós-Graduação Stricto Sensu

“Quando escuto ou leio, as palavras não vêm sempre tocar significações preexistentes em mim. Têm o poder de lançar-me fora de meus pensamentos, criam no meu universo privado cisuras por onde outros pensamentos podem irromper”.

Merleau-Ponty

AGRADECIMENTOS

A Deus que, que nunca me falta e me encorajou. Acredito que a força que me manteve determinada, entusiasmada e obstinada a vencer veio dele.

Aos meus pais, Orson e Bernadete que, neste período de provações sempre lançaram palavras confortantes e estimulantes. Direcionaram meu olhar para o futuro, permitiram que hoje eu chegasse aqui.

Ao meu irmão Rodrigo, pelas inúmeras solicitações de ajuda que nunca negou. Um companheiro!

Ao Alexandre, pela paciência, pois acabava sendo o ouvidor da história, seu amor e dedicação foram fundamentais, sempre entendendo os momentos de ausência.

A Marciane, uma amiga, sempre que precisei de ajuda estendeu sua mão, nos momentos difíceis conseguia com que eu ficasse ainda mais forte.

A todos os professores do mestrado, especialmente as professoras Joana, Lílian, Léa, Marilda e Terezinha, pela atenção e motivação.

As colegas Márcia, Vera Lúcia, Maria Laura, Zuleika e Sandra, por estarem sempre me incentivando.

Aos colegas do mestrado, em especial a Simone, Nanci e Juliana pelos momentos de risos e pela confiança que depositaram em mim.

Aos alunos que, desde o meu começo foram muito importantes em minha vida. Obrigada por acreditarem em mim, sem vocês este trabalho não teria ocorrido. Vocês foram especiais!

Aos professores participantes desta pesquisa, pelas valiosas contribuições e por dedicarem parte de seu tempo respondendo os instrumentos.

À minha orientadora, professora Pura Lúcia, pelo direcionamento neste percurso.

A professora Ilma, por sua contribuição a esta pesquisa, oportunizando o aprendizado diante da forma de expor suas sugestões.

Meu profundo agradecimento a todos os outros, que direta ou indiretamente, tornaram esta pesquisa possível.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS.....	vi
RESUMO.....	vii
ABSTRACT.....	viii
INTRODUÇÃO.....	01
CAPÍTULO I – A RELAÇÃO PROFESSOR - ALUNO - CONHECIMENTO NA UNIVERSIDADE: DIFERENTES CONCEPÇÕES.....	07
CAPÍTULO II – O CURSO DE FISIOTERAPIA NO CONTEXTO DO PROJETO PEDAGÓGICO DA PUCPR.....	21
2.1 O PROJETO PEDAGÓGICO DA PUCPR.....	21
2.2 O CURSO DE FISIOTERAPIA.....	24
2.3 PROGRAMA DE APRENDIZAGEM.....	27
CAPÍTULO III – O ESTÁGIO DO CURSO DE FISIOTERAPIA DA PUCPR.....	33
3.1 O ESTÁGIO DE INTRODUÇÃO À PRÁTICA FISIOTERAPÊUTICA O CURSO DE FISIOTERAPIA DA PUCPR.....	39
CAPÍTULO IV - METODOLOGIA DA PESQUISA.....	48
CAPÍTULO V - O IMPACTO DO ESTÁGIO DE INTRODUÇÃO À PRÁTICA FISIOTERAPÊUTICA.....	54
5.1 ESTÁGIO COMO EXERCÍCIO DE INICIAÇÃO ACADÊMICO – PROFISSIONAL.....	55
5.1.1 Pela ótica do Professor.....	55
5.1.2 Pela ótica do aluno.....	62
5.2 ESTÁGIO COMO CAMINHO DE ARTICULAÇÃO TEORIA E PRÁTICA...	66
5.2.1 Pela ótica do Professor.....	66
5.2.2 Pela ótica do aluno.....	80
5.3 A ESTRUTURA DOS ESTÁGIOS DE INTRODUÇÃO À PRÁTICA FISIOTERAPÊUTICA DO CURSO DE FISIOTERAPIA DA PUCPR.....	84

5.3.1 Pela ótica do Professor.....	84
5.3.2 Pela ótica do Aluno.....	86
A GUIA DE CONCLUSÃO.....	89
REFERÊNCIAS.....	99
ANEXOS.....	103

LISTA DE FIGURAS

Quadro 1 – Local dos Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica de acordo com a área de atuação.....	43
Quadro 2 – Fatores de avaliação e valores atribuídos ao Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica I.....	46
Quadro 3 – Fatores de avaliação e valores atribuídos ao Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica II.....	47
Quadro 4 – Operações de pensamento – conceito / relações.....	68

RESUMO

A presente dissertação é resultado de pesquisa sobre o Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica do Curso de Fisioterapia da PUCPR, a partir de situações vividas na atuação observatória. O objetivo desta pesquisa foi analisar o impacto dos Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica no contexto do Projeto Pedagógico da PUCPR para a formação do profissional fisioterapeuta. O objeto de estudo são os Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica I e II e como sujeitos desta pesquisa participaram os professores-supervisores e alunos do 7.º e 8.º períodos do Curso de Fisioterapia do ano de 2003. Optou-se por uma pesquisa com abordagem qualitativa e participante, modalidade Estudo de Caso. Os dados da pesquisa foram coletados por meio de um questionário para cada grupo de sujeitos. Para análise dos dados foram propostas três categorias: Estágio como exercício de iniciação acadêmico-profissional, Estágio como caminho de articulação teoria e prática, e a concepção dos professores e alunos sobre a estrutura dos Estágios investigados. O estudo revela que os Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica possibilitam o primeiro contato com as áreas de atuação da Fisioterapia e com a atividade profissional propriamente dita. Contribuem para a construção da identidade profissional do futuro fisioterapeuta. Proporcionam o estabelecimento de um referencial teórico-prático fundamental para o Estágio do último ano. E incentivam a pesquisa. O estudo aponta a necessidade de: um aumento da carga horária de Estágio; uma melhor atenção dos alunos do último ano para com os do Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica; uma mediação mais significativa por parte dos professores da teoria com a prática, propiciando condições para que o aluno possa reconhecer resultados nas terapias assistidas; e que os professores resgatem esta vivência nos momentos de exemplificação nos outros Programas de Aprendizagem que os alunos cursam no primeiro ano do curso de Fisioterapia da PUCPR.

RESUMO

A presente dissertação é resultado de pesquisa sobre o Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica do Curso de Fisioterapia da PUCPR, a partir de situações vividas na atuação observatória. O objetivo desta pesquisa foi analisar o impacto dos Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica no contexto do Projeto Pedagógico da PUCPR para a formação do profissional fisioterapeuta. O objeto de estudo são os Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica I e II e como sujeitos desta pesquisa participaram os professores-supervisores e alunos do 7.º e 8.º períodos do Curso de Fisioterapia do ano de 2003. Optou-se por uma pesquisa com abordagem qualitativa e participante, modalidade Estudo de Caso. Os dados da pesquisa foram coletados por meio de um questionário para cada grupo de sujeitos. Para análise dos dados foram propostas três categorias: Estágio como exercício de iniciação acadêmico-profissional, Estágio como caminho de articulação teoria e prática, e a concepção dos professores e alunos sobre a estrutura dos Estágios investigados. O estudo revela que os Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica possibilitam o primeiro contato com as áreas de atuação da Fisioterapia e com a atividade profissional propriamente dita. Contribuem para a construção da identidade profissional do futuro fisioterapeuta. Proporcionam o estabelecimento de um referencial teórico-prático fundamental para o Estágio do último ano. E incentivam a pesquisa. O estudo aponta a necessidade de: um aumento da carga horária de Estágio; uma melhor atenção dos alunos do último ano para com os do Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica; uma mediação mais significativa por parte dos professores da teoria com a prática, propiciando condições para que o aluno possa reconhecer resultados nas terapias assistidas; e que os professores resgatem esta vivência nos momentos de exemplificação nos outros Programas de Aprendizagem que os alunos cursam no primeiro ano do curso de Fisioterapia da PUCPR.

ABSTRACT

This work is the result of the investigation about the Introduction to Physiotherapeutical Practices Probation Period at the Physiotherapy Graduate Course at the Pontifícia Universidade Católica do Paraná, PUCPR, based on real situations experienced during observation activities. The aim of this research was to analyse the impact of the Introduction to Physiotherapeutical Practices Probation Period on the physiotherapists professional development. The study object were the Introduction to Physiotherapeutical Practices Probation Periods I and II, which occur during the first and second course periods. The subjects of this research were the supervising-teachers and the seventh and eight periods students of the Physiotherapy Graduate Course at the year 2003. A qualitative and participant approach has been chosen, with the aim of making possible a case study. The search data has been collected by means of one questionnaire to each subjects group. In order to analyse the information, three categories have been proposed: the Probation Period as an academic-professional initiation exercise; the Probation Period as an articulation path between theory and practice; the teachers and students conceiving about the structure of the Probation Period examined. The study reveled that the Introduction to Physiotherapeutical Practices Probation Period provides a first contact with the physiotherapeutical performance areas and with the actual professional activity. They contribute to the future physiotherapists professional identity construction. They offer the establishment of a theoretical and practical concepts building, fundamental to the Probation Period the students will experience during their last Graduate Course year. They also encourage research activities. This study points out the needs of: the enlargement of the number of hours of the Probation Period; a better attention given by the last Graduate Courses year students to the ones of the Introduction to Physiotherapeutical Practices Probation Period; a more significative mediation between theory and practice provided by the teachers, giving the students conditions to recognize the results of the observed therapies; and the resuming of these experienced professional exemples by the teachers, in other Learning Programs of the Physiotherapy Graduate Course first years.

ABSTRACT

This work is the result of the investigation about the Introduction to Physiotherapeutical Practices Probation Period at the Physiotherapy Graduate Course at the Pontifícia Universidade Católica do Paraná, PUCPR, based on real situations experienced during observation activities. The aim of this research was to analyse the impact of the Introduction to Physiotherapeutical Practices Probation Period on the physiotherapists professional development. The study object were the Introduction to Physiotherapeutical Practices Probation Periods I and II, which occur during the first and second course periods. The subjects of this research were the supervising-teachers and the seventh and eight periods students of the Physiotherapy Graduate Course at the year 2003. A qualitative and participant approach has been chosen, with the aim of making possible a case study. The search data has been collected by means of one questionnaire to each subjects group. In order to analyse the information, three categories have been proposed: the Probation Period as an academic-professional initiation exercise; the Probation Period as an articulation path between theory and practice; the teachers and students conceiving about the structure of the Probation Period examined. The study reveled that the Introduction to Physiotherapeutical Practices Probation Period provides a first contact with the physiotherapeutical performance areas and with the actual professional activity. They contribute to the future physiotherapists professional identity construction. They offer the establishment of a theoretical and practical concepts building, fundamental to the Probation Period the students will experience during their last Graduate Course year. They also encourage research activities. This study points out the needs of: the enlargement of the number of hours of the Probation Period; a better attention given by the last Graduate Courses year students to the ones of the Introduction to Physiotherapeutical Practices Probation Period; a more significative mediation between theory and practice provided by the teachers, giving the students conditions to recognize the results of the observed therapies; and the resuming of these experienced professional exemples by the teachers, in other Learning Programs of the Physiotherapy Graduate Course first years.

INTRODUÇÃO

O que se busca nos cursos de graduação das diferentes áreas do conhecimento é a formação profissional, e esta se estabelece na Universidade¹. Entendendo-se a Universidade como um conjunto integrado de ensino, pesquisa e extensão, ela tem a função, como instituição, de gerar novos saberes a partir da realidade preexistente. Na concepção de Severino (1991, p.34), a Universidade:

Enquanto ensino tem por objetivo aperfeiçoar a formação do homem para a atividade cultural, capacitá-lo para o exercício da reflexão crítica e a participação na produção, sistematização e superação do saber; enquanto pesquisa, visa o avanço do conhecimento teórico e prático, em seu caráter universal e autônomo, devendo contribuir para a solução dos problemas sociais, econômicos e políticos, em nível nacional e regional; enquanto extensão, visa difundir as conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científico-tecnológica a toda a população.

Para que a formação se estabeleça segundo esses parâmetros, algumas Universidades, sensíveis aos movimentos sociais desse momento histórico, que indicam a necessidade de uma reestruturação para romper com práticas do passado assumidas passivamente, vêm buscar uma formação profissional mais consistente nos diferentes campos do conhecimento. Assim, a formação assume um papel que vai além do ensino que pretende uma mera atualização científica e transforma-se na possibilidade de criar espaços de participação, reflexão e formação para que os alunos aprendam com qualidade, que, de acordo com Demo (1996, p.29), “qualidade não é rotina, repetição, mera reprodução, cópia, imitação, mas criatividade, inovação, intervenção alternativa”. Não se trata, pois, de preparar alunos para a vida

¹Inclui-se também as Instituições de Ensino Superior

social, de treiná-los para se encaixarem no mundo do trabalho, mas para compreenderem essas realidades em sua concretude, historicidade e complexidade e para recriá-las, produzindo novas formas de existência social.

Consoante com esse momento histórico, a Pontifícia Universidade Católica do Paraná realizou um amplo movimento para elaboração e implantação de um novo Projeto Pedagógico em 2000. Buscou, então, substituir o processo pedagógico, em geral centrado na transmissão de informações, fundamentado na reprodução do conhecimento, por uma nova proposta, mais progressista². A implantação desse novo Projeto Pedagógico trouxe, entre outras inovações, mudanças na prática pedagógica dos professores, na participação dos discentes e nos currículos dos cursos ofertados.

No Curso de Fisioterapia uma mudança torna-se visível: uma nova concepção da relação teoria-prática se delineia e a organização curricular inclui o Programa de Aprendizagem Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica já nos períodos iniciais do Curso. Cujas propostas consistem em aproximar a realidade profissional do aluno em formação, reconhecendo as áreas de atuação da Fisioterapia e desenvolvendo pesquisas sobre temas relacionados com as práticas observadas, propiciando uma articulação entre teoria e prática.

Embora pela nova estruturação do currículo esta articulação continue concentrada nos últimos períodos do Curso, já nos Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica ocorre uma aproximação dos alunos com a prática numa clara preocupação de promover uma articulação teoria-prática. Nesse Programa de

² Aqui entendido como um processo de busca de transformação social. Para desencadear esse processo, torna-se necessária uma educação que propicie uma prática pedagógica crítica, reflexiva e transformadora.

Aprendizagem, o aluno é envolvido no dia-a-dia da vida profissional, inicialmente na condição de observador da prática dos colegas. Ele começa a participar com maior responsabilidade na sua aprendizagem. É uma proposta que favorece o desenvolvimento da reflexão, do raciocínio e do encontro de soluções para as situações observadas pelo estudante.

O que se pode observar na organização do Curso é que a inserção do Estágio desde o início da formação já nos primeiro e segundo períodos, expressa uma nova perspectiva de articulação de teoria e prática, na qual aluno e professor trabalham em conjunto, caracterizando, problematizando e analisando criticamente essa prática tendo em vista a sua transformação.

Graduada em Fisioterapia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná em 1996, ingressei como docente no mesmo Curso em fevereiro de 2001, exercendo a supervisão de estágio de alunos do último ano do Curso de Fisioterapia. Em julho do mesmo ano, assumi os Programas de Aprendizagem Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica I e II. Estes programas foram introduzidos no Curso como forma de adaptação às mudanças propostas pelo novo Projeto Pedagógico, na qual o Estágio, desde o início do Curso, seria uma estratégia para proporcionar ao aluno um contato preliminar com a prática profissional, oferecendo-lhe a possibilidade de conhecer as áreas de atuação da Fisioterapia, e ainda estimulando-o ao desenvolvimento de pesquisas sobre temas relacionados às práticas observadas, na perspectiva de gerar o conhecimento dentro de um contexto, propiciando a articulação entre teoria e prática. Desta forma, quando comecei a trabalhar estes Programas de Aprendizagem com os alunos, alguns questionamentos começaram a me inquietar, relacionados a como este Estágio estava sendo desenvolvido junto aos alunos e professores do Curso de

Fisioterapia que participaram desse processo a partir da implantação dos Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica nos 1º e 2º períodos.

Assim, busquei o Mestrado em Educação em julho de 2002, com o intuito de analisar os efeitos das mudanças propostas no novo Projeto Pedagógico da PUCPR para o Curso de Fisioterapia, focalizando especialmente o Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica. Esse recorte justifica-se pela relevância do estágio dentro do Curso como expressão de uma concepção de educação e ensino voltada para a articulação teoria-prática numa perspectiva de sistematização coletiva do conhecimento. Nessa perspectiva, tomo como objeto de estudo o Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica do Curso de Fisioterapia da PUCPR, tendo em vista a análise das contribuições dessa mudança para a formação do fisioterapeuta, hoje.

Minha inquietude, enquanto pesquisadora, está relacionada ao aproveitamento dos alunos com as alterações implementadas, com a forma pela qual os estudantes conviveram com o processo e com a contribuição para a melhor formação do discente do Curso de Fisioterapia da PUCPR no sentido de buscar qualidade.

Nessa perspectiva, com a nova proposta do Projeto Pedagógico da PUCPR, o estágio no Curso de Fisioterapia passa a ter grande relevância, uma vez que sendo ofertado desde o início do Curso, busca estabelecer uma articulação estreita entre teoria e prática, fundamentada para uma formação de maior qualidade. Aqui o aluno sistematiza conhecimentos a partir do contato com a prática e se compromete com ela buscando alternativas para fazer frente aos problemas que emerge dessa prática. A introdução do contato com a prática desde o início do Curso torna-se, portanto, um dos pontos chave do Projeto, pois é o espaço no qual a identidade profissional do aluno é gerada.

Minha inserção nesse processo durante os anos da implantação do Projeto Pedagógico na PUCPR e do início dos Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica levanta alguns questionamentos, a saber:

Qual o impacto desse Estágio junto aos alunos do Curso de Fisioterapia que participaram desse processo a partir da implantação dos Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica nos 1º e 2º períodos? E quais as contribuições que traz para a aprendizagem no Estágio Supervisionado aos acadêmicos do Curso de Fisioterapia da PUCPR?

Conforme já apontado, a mudança do projeto pedagógico na PUCPR permite uma visão diferente em relação ao ensino e à aprendizagem, não apenas no interior dos vários programas de aprendizagem que compõem o Curso, mas também e sobretudo na lógica da organização do projeto Pedagógico. Assim, esse estudo procura explicitar qual a concepção de teoria-prática que orienta essa nova proposta, como esta relação se manifesta na prática, e o que a inclusão deste Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica representa para o Estágio Supervisionado pela ótica do professor e do aluno.

Para desenvolvimento desse estudo e dada às características do objeto de investigação, foi realizada pesquisa qualitativa, na modalidade estudo de caso, que veio a permitir a aproximação e o distanciamento necessários à análise e compreensão dos determinantes da prática desenvolvida no Curso de Fisioterapia da PUCPR³.

Essa dissertação está estruturada em cinco capítulos. No primeiro capítulo são abordadas as concepções da relação professor-aluno-conhecimento na

³ A metodologia desenvolvida será abordada mais detalhadamente no capítulo IV.

Universidade e as mudanças que estamos vivendo. O segundo capítulo refere-se ao Curso de Fisioterapia no contexto do Projeto Pedagógico da PUCPR. No terceiro capítulo faz-se uma narrativa sobre o Estágio e os Programas de Aprendizagem Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica I e II do Curso de Fisioterapia da PUCPR. No quarto capítulo é descrita a metodologia adotada para realização desta pesquisa e, por fim, no quinto capítulo, discorre-se sobre o impacto do Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica, sendo então os dados analisados dentro de três categorias: Estágio como exercício de iniciação acadêmico-profissional, Estágio como caminho de articulação teoria e prática e a concepção dos professores e alunos sobre a estrutura dos Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica do Curso de Fisioterapia da PUCPR.

Finalmente, na quisa de conclusão aponto algumas contribuições dos Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica para a formação profissional, momento em que são levantadas sugestões dos professores e alunos para a melhoria destes Programas de Aprendizagem.

CAPÍTULO I

A RELAÇÃO PROFESSOR - ALUNO - CONHECIMENTO NA UNIVERSIDADE: DIFERENTES CONCEPÇÕES

As instituições ou organizações humanas sejam elas comerciais, produtivas, culturais, políticas, recreativas e religiosas, foram criadas para satisfazer alguma necessidade do cidadão, de algum grupo social ou da sociedade como um todo. No momento em que esta necessidade desaparece ou que é melhor satisfeita por outro tipo de instituição, esta ganha espaço e credibilidade.

No documento sobre Política do Ensino Superior, a UNESCO (1996) menciona a Universidade como escola de nível superior ou centro de intelectualidade que surgiu da necessidade percebida, já na Idade Média, de estimular o avanço do conhecimento humano e de formar profissionais qualificados para o serviço à sociedade. No passado, no entanto, de acordo com Kirk (1970, p.45):

tal serviço era dirigido a formar uns profissionais na área da cultura clássica, oriundos de segmentos aristocráticos da sociedade. Gradualmente, porém, esse serviço foi-se expandindo e a universidade tornou-se um centro de formação de líderes para quase todos os segmentos da sociedade moderna. Com isso, ela foi tornando-se o próprio coração da sociedade.

A Universidade tem, na sua origem, a vocação para o serviço. Ela é, portanto, fundamentalmente uma servidora da sociedade. Neste contexto, um plano novo, a exemplo do Projeto Pedagógico, deve-se direcionar para o envolvimento de todos

os seus agentes⁴, desde sua concepção até a implantação efetiva destas experiências e ainda estimular uma postura ativa na busca e construção dos espaços sociais para a definição de seus próprios caminhos e para a realização prática de sua autonomia. Cumpre-se, assim, o papel da Universidade dentro da necessidade social e das exigências do mercado de trabalho.

Os critérios básicos fundamentais previstos pela UNESCO (1996, p.14) como a pertinência, a qualidade e a internacionalização, deverão estar norteando as ações de uma Universidade comprometida com a tarefa de “segurar os dois lados da corrente: revolucionar o ensino, o que implica em revolução social, e dar a nossa aula amanhã cedo”, o que implica em garantir a qualidade no cotidiano, na perspectiva de produzir novas formas de aprendizagens e não apenas reproduzir as existentes. Isto, conseqüentemente, implica em garantir também o sucesso do Projeto Pedagógico.

Cumprindo esses desafios, a Universidade resgata o seu papel de participante ativa do processo de transformação da sociedade, o que lhe atribui a condição de agente da mudança. Para isto ocorrer, é necessária atualização constante dos conhecimentos dos alunos e a responsabilidade de propiciar condições para o aluno não apenas adquirir, mas também produzir novos conhecimentos.

A afirmação de Ottone (1992, p.14) reforça esta idéia, ao se referir que:

... menos hierárquico e mais baseado em uma organização de redes, com carreiras que não serão lineares e cujas fronteiras não serão as de um país, senão as do mundo, onde se requererá mais iniciativa do que docilidade, mais criatividade do que ordem... mais democracia e participação.

⁴ Agentes refere-se a todas as pessoas que compõem a Universidade: alunos, professores, administradores,...

Adaptar-se a essas novas exigências e até mesmo rever o seu projeto político-institucional, equivale dizer pedagógico, é tarefa inadiável da Universidade brasileira. A propósito, Vasconcelos (2000, p.9) afirma que

a Universidade deve ser vista, ao mesmo tempo, como uma agência transmissora do saber consagrado, como uma agência questionadora desse mesmo saber e, ainda, como uma agência criadora de novos saberes; deve ser, também, uma instituição instigadora, onde a curiosidade, a ousadia e a iniciativa sejam estimuladas”.

Esta visão de Universidade vai ao encontro das exigências do mundo moderno, na qual o processo de educar está em transformação, sendo que todos os participantes deste processo – professor, aluno, administrador, universidade,... – estão mudando de papel visando uma melhor formação universitária.

Mendes (*in* Zainko, 1995, p.3), ao fazer uma análise da questão da Universidade, assinala que:

A maioria de nossas reformas universitárias tem passado ao largo, sempre a girar em torno de conceitos como cátedra, departamento, institutos, classes docentes, ou ainda, em torno da geometria abstrata das estruturas. As formas do saber crítico e criador são frequentemente substituídos por formas estéticas e normativas, que se esgotam no processo ordenatório superficial. Não é que essas categorias não sejam importantes mas elas contam apenas, subsidiariamente, como simples instrumentos operativos a serviço de uma idéia de universidade. Se não se muda a idéia a crise não se resolve, mas se a crise for enfrentada verticalmente, a reforma se fará com base noutras perspectivas, e servida por outros apetrechos.

Em muitos artigos e livros existem títulos com o teor: *A crise da Universidade*. Desta forma, surge a questão do que se entende por crise. A crise traduz uma descontinuidade, porém normal no processo de vida; não é sinal de uma catástrofe iminente, mas um momento crítico em que a sociedade se questiona sobre o tipo de relações que possui e qual é seu destino coletivo. A crise se dá no processo de passagem de um mundo (ou de uma ordem) para outro, ou de um sistema a outro.

Nessa perspectiva, Castanho (2000, p.16) relata:

Tudo leva a crer que a universidade vive hoje uma crise estrutural, de modelo. Em obra mais ou menos recente, *Políticas públicas para a educação superior* (Sguissardi e Silva Jr. 1997), todos os autores dos capítulos ressaltaram que, em Portugal, na França, no Chile, na Argentina, no Uruguai, no Mercosul em geral, mesmo no Brasil, a universidade está passando por crise de modelo, com a disputa ideológica entre um modelo implantado ou em implantação e outro em emergência ou em início de implantação.

Atualmente, a questão não é a crise, mas as atitudes em torno dela, deste processo de transição. É importante adequar-se buscando respostas às necessidades presentes, considerando o passado e mantendo-se aberto ao futuro, sem temer as rupturas necessárias, sem perder o sentido do todo, vendo na crise a chance de crescer.

Isto remete a duas das principais características da universidade – criticidade e criatividade – que se referem, como afirma Castanho (2000, p.15), “a seu núcleo de crise. De fato, criticidade, até etimologicamente, é a capacidade de pensar a crise. E criatividade não é senão a capacidade de inventar soluções para as crises”. Desta forma, refletir sobre as dificuldades e necessidades atuais que as mudanças paradigmáticas fizeram surgir e buscar alternativas para melhoria, pode-se dizer, é a função da Universidade comprometida com o futuro. É nessa perspectiva que se situa a PUCPR e o amplo movimento nela desencadeado a partir de 2000, tendo em vista a sua reestruturação com o novo Projeto Pedagógico.

Outras características da universidade, segundo Castanho, que despontam na sua origem, são: a publicidade, a indissociabilidade entre o ensino e a pesquisa, a intencionalidade e a interdisciplinaridade. O caráter público advém de sua abertura, de sua natureza não discriminatória. Quanto a indissociabilidade entre ensino e a pesquisa, refere-se ao fato de que a produção de conhecimento, em qualquer tempo, caracteriza a pesquisa e está intimamente ligada ao ensino. A interdisciplinaridade indica mais que uma simples junção de disciplinas. Implica, isto sim no conhecimento com determinado envolvimento das disciplinas, a fim de

integrá-las. Já a intencionalidade presume uma referência que pretende nortear a atividade pedagógica da instituição. Estas características permitem à Universidade estar em constante mudança, pois em função de seus limites, de suas possibilidades, de seus desafios e tarefas, a Universidade está sempre buscando acompanhar a evolução do mundo moderno.

É importante enfatizar a necessidade de uma análise da proposta de mudança e de uma aplicação de suas normas condicionadas e de seus parâmetros adequados à sua natureza e às suas funções. Os princípios sintetizados num Projeto Pedagógico em constante processo de aperfeiçoamento podem aproximar a Universidade das demandas sociais em cada momento histórico.

Estudos têm demonstrado que as mudanças que ocorrem nas instituições sociais, dentre elas a Universidade, expressam as relações sociais mais amplas que se dão nos diferentes momentos históricos.

A propósito das questões relativas ao ensino e focalizando as abordagens da relação conteúdo-forma, Martins (1997, p.78) parte do pressuposto de que:

as sistematizações teóricas das abordagens distintas da relação conteúdo-forma, no contexto dos diferentes modelos de ensino, são produzidas socialmente a partir de determinadas circunstâncias históricas. Tais circunstâncias determinam os tipos de relações sociais que vão forjar as tecnologias utilizadas através da relação pedagógica.

A autora demonstra que desde Comênio as diferentes abordagens do processo de ensino expressam as relações sociais mais amplas⁵. Em uma retrospectiva histórica, a autora lembra que na transição da Idade Média para a

⁵ Utilizei, para elaboração deste tópico, o artigo de MARTINS, P.L.O. A relação conteúdo-forma: expressão das contradições da prática pedagógica na escola capitalista. In VEIGA, Ilma P. Alencastro (org.) **Didática: o ensino e suas relações**. 2.^a ed..Campinas: Papyrus, 1997.

Idade Moderna, no século XVII, Comênio propôs “um método único de ensinar tudo a todos”, e de maneira rápida e eficiente. Tal abordagem proposta está intimamente relacionada com o modo de produção de vida material, do artesanato para o manufaturado⁶ daquele momento histórico.

Já no final do século XVIII, segundo a autora com a Revolução Francesa, surge a necessidade de estruturação e de manutenção da instituição escolar que, para a classe burguesa – então no poder – acreditava-se ser uma forma capaz de promover a unidade desejada. Assim, dá-se lugar a novos conteúdos, mais pragmáticos e mais úteis, utilizando-se a instrução como meio de unificar a França, dando origem à transmissão do conhecimento como procedimento didático que viabiliza o processo de ensino na pedagogia tradicional. Nessa forma de aprendizagem, Pimentel (1996, p.34) ressalta que os professores “concebem o conhecimento como um saber pronto, fechado em si mesmo, um produto organizado e estruturado seqüencialmente, que deve ser transmitido por tópicos menores”.

No final do século XIX e início do século XX, com a Revolução Industrial, inicia-se o desenvolvimento da tecnologia educacional, mais precisamente na segunda metade do século XX, que vem a requerer a racionalização do sistema de ensino em todos seus níveis e formas, objetivando maior eficiência e produtividade. O problema coloca-se no sentido não só de ensinar tudo a todos, mas em menor tempo, com menor custo e maior eficiência.

No Brasil, pós 1964, busca-se a racionalização do processo na tecnologia educacional, que surge como necessidade básica para o alcance dos objetivos do

⁶ Para maior aprofundamento consultar GASPARIN, J.L. Comênio ou a arte de ensinar tudo a todos. Campinas: Papyrus, 1994.

ensino. Na década de 1970, o planejamento de ensino passa a ocupar lugar de destaque em seus manuais e programas de ensino. Posteriormente, já na década de 1980, configura-se um importante momento histórico, marcado pela abertura política do regime militar instituído em 1964. Em decorrência dessa nova realidade, o aluno começa a tomar um lugar importante dentro das práticas pedagógicas, inserido em seu contexto social.

A propósito, Mizukami (1986, p.90) afirma:

O homem se constrói e chega a ser sujeito na medida em que, integrado em seu contexto, reflete sobre ele e com ele se compromete, tomando consciência de sua historicidade. O homem é desafiado constantemente pela realidade e a cada um desses desafios deve responder de uma maneira original. Não há receitas ou modelos de respostas, mas tantas respostas quantos forem os desafios, sendo igualmente possível encontrar respostas diferentes para um mesmo desafio. A resposta que o homem dá a cada desafio não só modifica a realidade em que está inserido, como também modifica a si próprio, cada vez mais e de maneira sempre diferente (perspectiva interacionista na elaboração do conhecimento).

Reportando-se à Educação percebe-se que o seu significado é muito mais amplo do que a mera aquisição de conhecimentos delimitado por um espaço físico denominado escola. A educação pode interagir com o educando de forma a despertar nele contornos bem definidos de como viver melhor consigo e com sua comunidade, quer seja familiar, de formação profissional, de trabalho, ou outra. Faz-se necessária uma outra forma de pensar e de obter conhecimentos, mas um conhecimento compreensivo e íntimo que não separe, mas, antes, una e conecte os alunos ao que eles estudam (BOAVENTURA SANTOS, 1987).

Dessa forma, surgem novas reflexões sobre a relação conteúdo-forma. As produções teóricas dos educadores vão expressar tentativas de explicar essa nova situação. Candau (1988, pp.26-32), ressalta a importância de um tratamento mais contextualizado da relação conteúdo-forma, propondo superar essa busca

incessante “do método único capaz de ensinar tudo a todos. (...) assumir que o método didático tem diferentes estruturantes e que o importante é articular esses diferentes estruturantes e não exclusivizar qualquer um deles...”.

Convergente com essa posição, Juliatto (1998, p.50) assim se expressa:

...mais importante do que encher cabeças é formar cabeças. O importante é instrumentalizar o estudante com as ferramentas intelectuais apropriadas e indispensáveis para a aprendizagem. O importante é que o estudante aprenda a garimpar e selecionar a informação e o conhecimento de que necessita do abundante acervo disponível. O importante para que a escola venha a ser o ensinar a aprender e, para o aluno, o aprender a aprender. Mais importante que o ensino é a aprendizagem. Estas considerações nos levam a concluir que a universidade, e qualquer escola precisam mudar a sua abordagem pedagógica. Precisa deixar de ser uma mera repassadora de conhecimentos para se transformar em uma moderna usina de elaboração e processamento do conhecimento.

Nesta perspectiva, novas propostas vieram resgatar este conceito da formação profissional aberta e transformadora, preocupadas em modificar suas metodologias de ensino e adequando-se aos novos tempos, colocando em questão o ensino tradicional e sua concepção de conhecimento enquanto produto, até então visto como verdade absoluta e inquestionável. Nessa visão de ensino, Mizukami (1986, p.8) entende que: “dá-se ênfase aos modelos, em todos os campos do saber. Privilegiam-se o especialista, os modelos e o professor, elemento imprescindível na transmissão de conteúdos”. O aluno recebe as informações e deve reproduzi-las da mesma maneira que lhes foram repassadas. O discente mantém-se passivo e submisso ao professor. Para Demo (1999, p.39), o que se faz nessa visão reducionista é “propor para o aluno coisas feitas, discursos prontos, dados definitivos, a tal ponto que precisam ser copiados”.

Nesse sentido a Universidade, assim como outras instituições educativas, conforme Veiga (2000, p.163), “necessita viabilizar formas educativas que conduzam a rupturas com um projeto que já não responde aos apelos de nossa

circunstância vivencial”. Em seu estudo, *Aula universitária e inovação*, Veiga relata que no depoimento dos cinco professores sujeitos de sua pesquisa, ficou evidente que estes não estavam suficientemente familiarizados com as teorias de cunho pedagógico e suas práticas pautaram-se mais no saber pedagógico construído com base no senso comum, sem diálogo com o conhecimento científico. Assim, o conhecimento pedagógico não alcançou o salto qualitativo do senso comum ao conhecimento científico, e o que ficou evidenciado foi um esforço orientado apenas pelo bom senso e pela experiência. Segundo Veiga (2000, p.189):

uma teoria pedagógica não se faz só com bom senso. Há nela princípios fundamentais que, embora oriundos das práticas, só chegam a ser estabelecidos mediante o diálogo profícuo e horizontal do senso comum com o conhecimento científico e sua conversão em senso comum esclarecido, utópico e libertados, ou seja, o senso comum reabilitado.

Este estudo sinalizou indícios de avanço nos processos de ensinar, pesquisar, aprender e socializar diferentes saberes na Universidade, que segundo a autora, mesmo carentes de teoria pedagógica já apontam caminhos a seguir para o estabelecimento de uma prática pedagógica reflexiva na Universidade. Com base nas evidências analisadas neste estudo, a autora aponta algumas características que podem contribuir para que uma aula universitária possa ser um espaço possível e favorável para a inovação:

- encontram-se em constante movimento, desenvolvem-se historicamente e sem interrupção;
- propiciam instigação e descobrimento;
- trabalham com as múltiplas tensões que ocorrem na relação entre ensinar, pesquisar e aprender na auto-atividade do aluno;
- favorecem a relação pedagógica horizontal, buscando a singularidade para estabelecer pontos de conexão e abrir outras possibilidades de trabalho, evitando a homogeneização dos alunos na sala de aula;
- asseguram a estreita relação ensino-pesquisa com o trabalho como princípio educativo, o que constitui condição essencial para efetivar a ruptura. A atividade do aluno no local

de trabalho resulta num campo de experiência para aquisição e produção de conhecimento;

- são atividades coletivas permeadas por intencionalidade;
- atribuem à pesquisa importante espaço de mediação entre ensinar e aprender. (VEIGA, 2000, p. 189)

Estas características também estão expressas no Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica, objeto desse estudo que, embasado nos pressupostos pedagógicos norteadores contidos no Projeto Pedagógico da PUCPR, traz no seu bojo um compromisso com a inovação.

Porém, como afirma Kulczycki (2002, p.8), atualmente alguns professores mantêm-se enraizados na forma tradicional, com sua “metodologia incluindo aulas expositivas, exercícios de repetição, tarefas padronizadas que reforçam o ‘aprendizado’, que é realizado pela memorização, com atividades de ‘escute, leia, decore, repita”.

No final do século XX, assiste-se a uma crise do paradigma conservador na ciência moderna, que afeta, sobremaneira, a educação e, por conseqüência, leva ao questionamento intenso desse modelo.

Assiste-se, então a partir da década de 80 do século passado, a um movimento de educadores que, em uma perspectiva progressista, passam a defender uma educação mais comprometida com as necessidades desses novos tempos. No cenário nacional é possível se identificar diferentes grupos que passam a desenvolver estudos nessa perspectiva.

Freitas (1995) sistematiza com muita propriedade grupos que emergiram nesse período sistematizando propostas pedagógicas numa perspectiva progressista. De acordo com o autor, no Rio de Janeiro, encontra-se como pioneira, a Didática Fundamental de Vera Candau. Em São Paulo, a Pedagogia Histórico-Crítica de Demerval Saviani e traduzida por José Carlos Libâneo para o ensino

como Pedagogia Crítico Social dos Conteúdos. Em Minas Gerais a Pedagogia dos Conflitos Sociais de Oeder José dos Santos, traduzida para o ensino como Pedagogia da Prática por Pura Lúcia Oliver Martins.

Nesse mesmo período, no Paraná firmam-se estudos fundamentados no Paradigma Emergente de Boaventura Santos traduzido para o ensino por Marilda Behrens.

Para todos os grupos citados acima, a produção e sistematização de novos conhecimentos passam a ser ponto chave no processo de ensino-aprendizagem. O professor deixa de ser o detentor do saber e passa a ser um mediador entre o saber sistematizado e o saber gerado na prática social dos seus agentes. O aluno sai da posição de receptor do conhecimento repassado pelo professor para a de pesquisador reflexivo e crítico. Neste Paradigma, o aluno é incentivado a buscar o conhecimento, a pesquisar, questionar, discordar, discutir, propor, criar, enfim, sistematizar conhecimentos coletivamente.

A mudança de paradigma implica em um novo perfil de professor, que passa a apresentar um papel fundamental no processo de ensino, deixando de ser autoritário e estabelecendo um relacionamento harmônico com os estudantes. Este novo professor assume a pesquisa como atitude cotidiana, propõe um modo próprio e criativo de teorizá-la e praticá-la, atuando como facilitador do processo. Formula uma proposta pedagógica própria, é reflexivo, autocrítico e inovador, tendo como foco de sua profissão a formação da competência técnica e política do aluno.

O aluno deste novo processo passa a se formar em sua totalidade, como sujeito que aprende e ensina, co-responsável pela sua própria formação; é reativo, crítico, ativo e participativo. É estimulado a ter interpretação própria, saber pensar e

aprender o método de aprender⁷. O aluno constitui-se como parte de um sistema aberto, em interação com o ambiente, recebendo informações e integrando-as. É incentivado a refletir sobre paradoxos, filosofias conflitantes e, até mesmo, sobre as implicações de suas próprias convicções e ações.

Pode-se considerar esta mudança um desafio, porém, com professores e alunos trabalhando juntos o objetivo poderá ser alcançado, ou seja, obter-se uma formação de qualidade.

Nesta concepção, Libâneo (1998, p.26) afirma, que “a escola precisa deixar de ser meramente uma agência transmissora de informação e transformar-se num lugar de análises críticas e produção da informação, onde o conhecimento possibilita a atribuição de significado à informação”. O mesmo autor (p.27) ainda esclarece que “trata-se, assim, de capacitar os alunos a selecionar informações, mas principalmente, a internalizar instrumentos cognitivos (saber pensar de modo reflexivo) para acender ao conhecimento”.

O Projeto Pedagógico da PUCPR tem seus fundamentos no Paradigma Emergente de Boaventura Santos e traduzido para o ensino por Behrens. O paradigma emergente na ciência moderna é apresentado por Boaventura Santos (2001) por meio de um conjunto de teses nas quais o autor salienta que *todo o conhecimento científico-natural é científico-social*, à medida que as ciências naturais se aproximam das ciências sociais estas se aproximam das humanidades e, na concepção humanística sujeito e objeto não existem separados para o conhecimento, assim compreendendo e não manipulando o mundo. Outra característica do conhecimento científico no paradigma emergente, segundo

⁷ Vale lembrar que essa ênfase no aprender o método de aprender tem suas raízes no movimento da Escola Nova, século XIX.

Boaventura Santos (2001, p.52) é que “a ciência não descobre, cria, e o ato criativo protagonizado por cada cientista e pela comunidade científica no seu conjunto tem de se conhecer intimamente antes que conheça o que com ele se conhece do real”. Por isso, *todo o conhecimento científico possibilita o autoconhecimento*.

Uma terceira característica, *todo conhecimento é local e total*, ainda segundo o autor (p.48), “sendo total, não é determinístico, sendo local, não é descritivista. É o conhecimento sobre as condições de possibilidade. As condições de possibilidade da ação humana projetada no mundo a partir de um espaço-tempo local”. E a última característica se remete ao fundamento de que nenhuma forma de conhecimento é, em si, racional, e sim tenta-se dialogar com outras formas de conhecimento, deixando-se penetrar por elas. O salto mais importante é o que é dado *do conhecimento científico para o conhecimento do senso comum*, sendo que o conhecimento científico só se realiza enquanto tal na medida que se transforma em senso comum. A interdependência entre senso comum e ciência, como apregoa Boaventura Santos, requer um amplo vínculo entre o conhecimento estabelecido por ambos.

Nessa perspectiva, com a mudança no Projeto Pedagógico da PUCPR desmistifica-se o professor “detentor do saber” - transmissor do conhecimento - e valoriza-se o discente na busca do conhecimento. Com a mudança do paradigma educacional e influenciados pela mudança do paradigma da ciência moderna, os conceitos dos Cursos de graduação e da formação profissional também sofreram alterações que advêm da inquietude em relação à necessidade de se obter um ensino comprometido com o desenvolvimento dos alunos e com a qualidade de produção do conhecimento.

Desta forma, exige-se do professor “uma retomada do seu papel na sociedade, e que, como educador, além da competência intelectual e a competência técnica, tenha também a competência política” (BEHRENS, 1996, p.35). E que busque caminhos que possibilitem esta transformação, tanto na sua metodologia como na alteração de procedimentos didáticos.

Em relação ao aluno, exige-se que se desligue do papel de ouvinte, passivo, que memoriza e repete, para ser ativo no processo ensino-aprendizagem, produzindo o seu conhecimento conjuntamente com seu professor. Nesta perspectiva, na criação da parceria do aluno e do professor no processo de aprender a aprender, instala-se como mediador o diálogo. Neste contexto, “objetiva-se encontrar a criação de um inter-relacionamento entre professor e aluno, concretizado no incentivo à criação, à crítica, ao debate, à reflexão, e à pesquisa” (BEHRENS, 1996, p.41). A autora acrescenta ainda (p.43), “não há transformação do aluno sem o professor, do professor sem o aluno e da escola sem políticas públicas que subsidiem esta transformação”.

Nessa perspectiva, a implantação de um novo Projeto Pedagógico na PUCPR vem ao encontro das exigências desse momento histórico. Para contextualizar o objeto desse estudo, o próximo capítulo focaliza esse projeto.

CAPÍTULO II

O CURSO DE FISIOTERAPIA NO CONTEXTO DO PROJETO PEDAGÓGICO DA PUCPR

Este capítulo enfoca o Projeto Pedagógico da PUCPR para contextualizar a compreensão do objeto de estudo desta pesquisa – Estágio de Introdução à Prática fisioterapêutica – que teve lugar com a implantação do novo Projeto Pedagógico.

O PROJETO PEDAGÓGICO DA PUCPR

Na Pontifícia Universidade Católica do Paraná a elaboração do Projeto Pedagógico iniciou em 1998, e nele desenvolveu-se um trabalho de definição de diretrizes para os projetos pedagógicos de seus cursos de graduação, cuja suplementação teve início em 2000. O Plano Estratégico da Universidade, como cita Botomé (2000, p.11), “estabeleceu mais alguns referenciais e configurou outros que também contribuíram para o delineamento mais preciso da natureza do trabalho de educação superior da PUCPR.” Estas diretrizes e seus fundamentos, continua o autor (p.11) “são indicadoras de rumos a seguir na dinâmica da ação, muito mais do que um conjunto de normas prescritivas.”

O conceito de *práxis*, ainda segundo Botomé (2000, p.12) “é fundamental para entender a natureza das diretrizes. Esse conceito compreende três momentos:

agir, refletir criticamente sobre a ação e voltar a agir, levando em conta a reflexão feita”. Ou seja, uma atuação orientada pela reflexão crítica, como referencial, levando à transformação constante, sem incoerências entre discurso e atuação, entre a realidade e as versões produzidas sobre ela. O valor social de uma prática orientada por uma reflexão crítica de toda a comunidade é de maior valia para as pessoas, para a instituição e para a sociedade.

Algumas tendências contemporâneas, em gestação há várias décadas, ressaltam aspectos que podem orientar esforços na construção de uma sociedade em benefício de todos e de uma educação superior capaz de contribuir para construí-la. Como afirma Botomé (2000, p. 14), estas tendências são:

- como aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver, aprender a ser, ao se referirem às bases das aprendizagens a desenvolver no ensino superior em busca de aprendizagens significativas para constituir cada campo de atuação profissional;
- interdisciplinaridade e contextualização da aprendizagem na realidade de inserção social dos egressos da universidade, problematização do conhecimento e da realidade existente, negociação como uma forma de tomar decisões coletivas e participação como uma base de cidadania;
- referenciais como ética e política consideradas como duas dimensões importantes sempre presentes em cada atuação humana;
- participação ativa dos alunos nos processos de aprendizagem, exigindo tecnologias efetivamente educativas e apropriadas a um aluno atuante, sujeito dos processos de aprendizagem superior;
- a necessidade de integrar os processos de produção de conhecimento com uma percepção do conjunto da sociedade e de suas circunstâncias como base instrumental de uma efetiva capacitação para transformar a sociedade, nas circunstâncias em que cada um estiver atuando.

A explosão de novas tendências que acompanham um mundo cada vez mais globalizado exigem novos critérios e referenciais, obrigando a que se busquem novas formas de pensar e elaborar melhor, e ainda de ensinar e como fazê-lo nos cursos oferecidos aos estudantes.

A intenção é de que os sujeitos da comunidade acadêmica elaborem criticamente procedimentos que sejam capazes de tornar realidade o que está no

discurso. Que não sejam simples repetidoras de um discurso sem ação conseqüente, mas que elaborem procedimentos que auxiliem o processo de realizar um desenvolvimento efetivo e autônomo dos alunos, da Instituição e da sociedade.

De acordo com as Diretrizes para o Ensino de Graduação: O Projeto Pedagógico da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, o projeto apresenta características marcantes:

Formação científica e capacidade de produzir conhecimento a partir dos fenômenos e vivências...Capacidade científica de o profissional utilizar o método científico como instrumento de produção de conhecimento para o trabalho. (p.20)

O conhecimento é uma base para conceber as aptidões que vão possibilitar construir o futuro. (p.24)

O foco de atenção foi deslocado do ensino para a aprendizagem. (p.25)

O ensino é definido pela produção de aprendizagem. (p.26)

Professores e alunos são responsáveis pela implementação de condições apropriadas para a aprendizagem. (p.32)

Integração entre formação profissional e cidadania: a importância das dimensões sociais de um exercício profissional. (p.39)

Os Pressupostos Norteadores do projeto Pedagógico da PUCPR são, fundamentalmente: visão do todo, desenvolvimento de competências, habilidades e aptidões, produção de conhecimento, transformação da realidade e formação ética, e estão baseados nas concepções de Capra (1996), Freire (1997), Gutiérrez (1999) e Perrenoud (1999, 2000). Desta forma, caracteriza uma Universidade que busca uma *praxis* efetiva para crescer como instituição, com reflexos em cada um dos cursos de graduação.

O CURSO DE FISIOTERAPIA

Segundo as informações do *Manual do Curso de Fisioterapia* (2000), o Curso de Graduação em Fisioterapia da PUCPR foi autorizado pelo Conselho Universitário, conforme Ata n.º 93/79, e o primeiro concurso vestibular foi realizado em janeiro de 1980, com a oferta de 120 vagas. Suas atividades letivas iniciaram-se em 3 de março de 1980. O Curso foi reconhecido pelo Conselho Federal de Educação – Parecer n.º 604/83, Processo n.º 28001.000409/83-2, publicado no Diário Oficial da União de 13 de fevereiro de 1984 – Portaria Ministerial n.º 42/84.

Os cursos de graduação orientam-se pelas *Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação*, do Conselho Nacional de Educação. No caso do Curso de Fisioterapia, as Diretrizes foram aprovadas pelo Conselho Nacional de Educação e modificadas pelo Parecer n.º CNE/CES 1210/2001, de 12/9/2001. Segundo este Parecer (p.2), as Diretrizes Curriculares:

constituem orientações para a elaboração dos currículos que devem ser necessariamente adotadas por todas as instituições de nível superior. Dentro da perspectiva de assegurar a flexibilidade, a diversidade e a qualidade da formação oferecida aos estudantes, as diretrizes devem estimular o abandono das concepções antigas e herméticas das grades (prisões) curriculares, de atuarem, muitas vezes, como meros instrumentos de transmissão de conhecimentos e informações. E garantir uma sólida formação básica, preparando o futuro graduado para enfrentar os desafios das rápidas transformações da sociedade, do mercado de trabalho e das condições do exercício profissional.

Assim, com as grandes mudanças na educação, o enfoque maior passou a ser na aprendizagem e não mais no ensino. Por seu turno, o professor passa de transmissor para mediador do conhecimento e o aluno é incentivado na busca deste conhecimento, suprimindo assim as necessidades atuais na formação de um profissional capaz de alterar condutas frente à realidade em que vive.

O objetivo das *Diretrizes Curriculares dos Cursos de Graduação da Saúde*, constante no Parecer n.º CNE/CES 1210/2001 (p.4), do Conselho Nacional de Educação, vai ao encontro do exposto anteriormente em relação ao paradigma emergente, e consiste em:

levar os alunos dos cursos de graduação em saúde a aprender que engloba aprender a ser, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a conhecer, garantindo a capacitação de profissionais com autonomia e discernimento para assegurar a integralidade da atenção e a qualidade e humanização do atendimento prestado aos indivíduos, famílias e comunidades.

Enfocando o Curso de Graduação em Fisioterapia, o referido Parecer (p.4) estabelece o perfil do futuro profissional a partir das seguintes premissas:

Fisioterapeuta, com formação generalista, humanista, crítica e reflexiva, capacitado a atuar em todos os níveis de atenção à saúde, com base no rigor científico e intelectual. Detém visão ampla e global, respeitando os princípios éticos/bioéticos, e culturais do indivíduo e da coletividade. Capaz de ter como objeto de estudo o movimento humano em todas as suas formas de expressão e potencialidades, quer nas alterações patológicas, cinético-funcionais, quer nas suas repercussões psíquicas e orgânicas, objetivando a preservar, desenvolver, restaurar a integridade de órgãos, sistemas e funções, desde a elaboração do diagnóstico físico e funcional, eleição e execução dos procedimentos fisioterapêuticos pertinentes a cada situação.

Observa-se, mais uma vez, que os cursos de graduação priorizam a formação de um profissional que saiba pensar, repensar e criticar condutas pré-estabelecidas, conhecimentos acabados, saberes prontos; que seja capaz de desenvolver o pensamento crítico, dando-lhe oportunidade para o desenvolvimento da reflexão crítica, da criatividade e da curiosidade científica, atributos essenciais numa educação transformadora.

Com base no Planejamento Estratégico da PUCPR, uma Comissão de Sistematização foi criada para participar das reuniões instituídas para elaboração do Planejamento Estratégico e do Projeto Pedagógico do Curso de Fisioterapia da

PUCPR. Esta Comissão era composta por professores do Curso que elaboraram o diagnóstico do Curso a partir de um roteiro sugerido pela Comissão de Apoio, que, por sua vez, levantou e analisou dados de 1994 a 1998. Assim, iniciou-se a elaboração do novo currículo e definiram-se as novas formas de atuação. Para tal, fundamentou-se em um importante documento intitulado Diretrizes para Elaboração e Apresentação da Organização Curricular, relativo aos Projetos Pedagógicos dos Cursos de Graduação da PUCPR para o ano de 2000, sendo que este documento trazia as principais mudanças conceituais embasando os novos termos e abordagens pedagógicas.

Dessa forma foi estruturado o Projeto Pedagógico do Curso de Fisioterapia da PUCPR, que apresenta como Pressupostos Teóricos:

- A educação só pode ser entendida em determinado contexto histórico. Os modelos conservadores não atendem mais às necessidades da educação no contexto atual. As abordagens tradicionais de "ensino" foram fortemente influenciadas pelo paradigma newtoniano-cartesiano: a fragmentação, a especialização, a exatidão, valores mensuráveis, a reprodução fidedigna; isto também pôde ser notado pela divisão dos cursos em disciplinas estanques. A área da saúde foi igualmente afetada por este modelo...
- A educação na sociedade do conhecimento, frente a tantas mudanças, exige uma prática pedagógica inovadora, que responda às circunstâncias vivenciais. Atualmente não pode ser mais confundida com a transmissão dos conhecimentos existentes, eternos e acabados; a reprodução deve ceder lugar à produção de conhecimentos.
- A exemplo do Projeto Pedagógico da PUCPR as disciplinas dão lugar a programas de aprendizagem e o foco de atenção é desviado do ensino para a aprendizagem e conforme as Diretrizes para o Ensino de Graduação – Projeto Pedagógico da PUCPR (2000) "o desafio da Educação está em preparar pessoas para aluarem frente às situações com as quais vão defrontar-se no futuro, com base no conhecimento mais significativo existente".
- A nova abordagem de educação alterou o papel do professor e do aluno no processo de ensino-aprendizagem. O professor deixa de ser o detentor do saber, a autoridade em conhecimento e passa a ser um facilitador na aprendizagem. O aluno, por sua vez, sai da posição de receptor do conhecimento repassado pelo professor, para ser um pesquisador reflexivo e crítico. A sala de aula passa a ser um "fórum de discussão" e a aprendizagem uma atividade conjunta. Professores e alunos são parceiros de um aprendizado colaborativo, sempre em movimento.
- A metodologia, cerne da prática pedagógica inovadora, busca como apregoa BEHRENS (1999) uma visão sistêmica ou holística, com abordagem progressista e o ensino com pesquisa, instrumentalizados por uma tecnologia inovadora.
- A avaliação passa a ser processual e contínua, dando lugar a verificações da aprendizagem mais próximas da realidade, levando à associação da teoria com a prática, estimulando a colaboração entre indivíduos, dando uma idéia de interconexão às relações e aos fenômenos, visando a formação de pessoas críticas e reflexivas, com

vistas a eticidade e à cidadania, contribuindo para a construção de uma sociedade melhor.

Com estes pressupostos, o Curso de Fisioterapia assume o compromisso de formar profissionais críticos, autônomos e comprometidos com um projeto que busca superar a dicotomia entre as dimensões técnica e humana, expressos numa organização curricular que prioriza o contato com a prática desde os períodos iniciais, estendendo-se por todo Curso.

PROGRAMA DE APRENDIZAGEM

O Programa de Aprendizagem constitui-se no instrumento em que é registrado o contrato didático pretendido para uma etapa do Curso a ser construído pelos professores e alunos. Como afirma Anastasiou (2003, p.26), este documento:

Busca a superação aos antigos Planos de Ensino, em que havia toda uma centralização descritiva no conteúdo e no que o professor faria para ensinar. Diferentemente deles, o foco fica na aprendizagem do aluno, para qual são dirigidas a análise do processo, a definição dos objetivos, a organização dos conteúdos, a escolha metodológica para mobilizar, construir e elaborar síntese e avaliar as aprendizagens efetivadas.

O Projeto Pedagógico implantado na PUCPR no início de 2000 surge com a proposta de união das disciplinas afins, formando os Programas de Aprendizagem com o intuito, como afirma Libâneo (1998, p.31):

de interação entre duas ou mais disciplinas para superar a fragmentação, a compartimentalização de conhecimentos, implicando uma troca entre especialistas de vários campos do conhecimento na discussão de um assunto, na resolução de um problema, tendo em vista uma compreensão melhor da realidade.

A união das disciplinas tem como objetivo a maior interação dos conhecimentos, permitindo que ocorra continuidade do processo do conhecimento dentro de sua complexidade. Assim, ao propor uma maior articulação entre os temas dentro do contexto que o discente está vivendo como observador, pode ser considerado como fator facilitador para o entendimento do aluno e permite que suas correlações efetivamente ocorram. Neste aspecto, Veiga (2000, p.171) afirma que:

A parcelarização do conhecimento em disciplinas estanques, até mesmo entre ciências físicas e humanas, dará lugar ao conhecimento total, que não visa a uma ciência fragmentada em disciplinas isoladas, mas a um conjunto de temas, que poderá ser adotado por grupos sociais concretos, para reconstruir o projeto cognitivo em seu espaço de origem.

No Curso de Fisioterapia, os Programas de Aprendizagem que se iniciam a partir do 4º período são constituídos de teoria e prática, sendo a prática realizada em ambulatório. Também foram criados alguns Programas de Aprendizagem que abrangem áreas antes não contempladas no Curso, como a Fisioterapia Dermatofuncional e Bases em Ergonomia e Biomecânica do Movimento Humano, entre outras.

Além disto, houve no Curso a implantação de Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica (Estágio de Observação) para os alunos do 1.º e 2.º períodos, nos quais o discente acompanha os estagiários dos últimos períodos do Curso, observando, na prática, o desenvolvimento do cotidiano fisioterapêutico em clínicas, hospitais e instituições, antecipando, assim, um maior conhecimento sobre sua futura profissão. Nesse espaço, o aluno desenvolve estudo sobre temas previamente estabelecidos que reforçam os conhecimentos trabalhados nos programas em andamento nestes períodos, promovendo a interdisciplinaridade.

As aulas passam a ser de expositivas (estruturadas a partir da Pedagogia Tradicional) para expositivas dialogadas, sendo que o professor toma como ponto

de partida a experiência dos alunos relacionada ao assunto em estudo. Pode-se complementar com dinâmicas em grupo, que proporcionam a participação ativa do aluno durante todo o processo de aprendizagem e favorecem a sistematização coletiva do conhecimento necessário à compreensão da prática.

A propósito, Freire e Shor (*apud* Lopes, 1995, p.43) afirmam:

ao contrário do que ocorre na aula expositiva tradicional, a aula expositiva dialogada valoriza a vivência dos alunos, seu conhecimento do concreto, e busca relacionar esses conhecimentos prévios com o assunto a ser estudado. O fundamento dessa nova dimensão da técnica é que somente partindo-se do concreto é possível chegar a uma compreensão rigorosa da realidade.

E é justamente nessa perspectiva que se fundamenta o novo currículo do Curso de Fisioterapia da PUCPR. O Curso proporciona aos alunos a obtenção do grau de fisioterapeuta em quatro anos (oito períodos), totalizando 3.798 horas, no ano de 2000, por ser esse o ano do início do Projeto Pedagógico e, portanto, considerado nesta pesquisa.

Desta forma, foram realizados ajustes indo ao encontro das expectativas do Curso de Fisioterapia da PUCPR em relação às mudanças necessárias para melhor análise de resultados no âmbito universitário e fora dele, pois a formação profissional de qualidade estrutura-se em propostas que buscam ultrapassar práticas pedagógicas conservadoras com o intuito de formar o cidadão-trabalhador capacitado a dar conta das exigências que se colocam para as profissões neste novo milênio, formando um profissional mais crítico, reflexivo e humano.

Neste momento, acredita-se em uma formação profissional não apenas voltada para o domínio das informações, mas que oportunize também a construção pelas próprias mãos, inovando a realidade, a sociedade e a própria Universidade (DEMO, 1994) para atingir um maior desenvolvimento na atuação profissional.

O que é proposto, segundo Botomé (1999, p.2), é dar ênfase à aprendizagem e não ao ensino, pois:

Ensinar é um verbo que se refere não ao que um professor faz nas suas atividades, mas ao que resulta (a aprendizagem de alguém) dessas atividades. Nesse sentido, é fundamental que o trabalho de ensino seja apoiado nas aprendizagens do aluno e não nas atividades do professor. Estas atividades são apenas meio para produção de aprendizagens. Mas, a expressão aprender também precisa de uma explicação cuidadosa dos fenômenos a que se refere, mais do que as definições que lhe tem sido dadas por diferentes escolas ou teorias pedagógicas. É possível dizer que alguém aprendeu algo quando passa a atuar de forma diferente em relação às situações com as quais se defronta. Em outras palavras, o ensino é um meio para desenvolver a capacidade das pessoas atuarem criticamente em relação ao seu ambiente existencial. Isso significa tornar as pessoas aptas para atuar em relação às circunstâncias com que se defrontam.

Assim, um currículo que atenda a estas propostas, que tenha como foco a aprendizagem e que vá além da instrução dos saberes culturalmente organizados, estará proporcionando condições para que estas mudanças efetivamente ocorram.

O processo ensino-aprendizagem envolve professor e aluno de forma ativa, produzindo o conhecimento conjuntamente. Nesta perspectiva, instala-se como mediador o diálogo e, a aula expositiva dialogada coloca-se como uma possibilidade de desencadear o processo dialógico entre professor e aluno, pois a problematização é gerada pela curiosidade do estudante e o conteúdo apresentado pelo professor pode ser contestado, permitindo assim minimizar a passividade e a simples memorização.

Com efeito, questionar determinadas situações conduz à compreensão do problema em si, de suas implicações e de caminhos para sua solução. A produção e reelaboração de conhecimentos “começa a partir de uma indagação (...) somente a partir da pergunta é que se deve buscar respostas e não ao contrário. Estabelecer respostas não provoca curiosidade nem produção de conhecimento; apenas reprodução” (FREIRE & FAUNDEZ, *apud* LOPES, 1995, p.44).

Nota-se que esta forma dialogada estimula a atividade e a iniciativa dos alunos sem prescindir da iniciativa do professor. Neste processo, ocorre uma inversão de valores no contato aluno – professor, buscando ambos atingir o conhecimento: como aluno, pesquisando os temas básicos e realizando produções individuais e coletivas, cabendo então ao professor o papel de mediador do processo. O conhecimento pode ser alcançado de múltiplas formas, pesquisando nas mais diversas fontes disponíveis e buscando os diversos pontos de vista. A busca de informações, inicialmente na forma de pesquisa bibliográfica individualizada, deverá ser socializada, procurando trazer para a sala de aula os valores humanitários que busca a Instituição.

O processo ensino-aprendizagem passa por diversas etapas, as quais buscam a disciplina de pesquisar, o hábito de leitura e de produção escrita individual e coletiva, e também a socialização dos conhecimentos obtidos por meio de produções coletivas, aulas dialogadas e discussões em sala de aula.

Conforme afirma Behrens (1996, p.39),

para o exercício do magistério que considere o aluno como sujeito ativo no processo e que se preocupa com a modernidade, o professor deverá buscar espaços para oportunizar situações de inovação e de criatividade.

É nessa perspectiva que se insere o Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica, ao permitir o confronto com situações do cotidiano profissional, desenvolvendo experiências que possibilitam um maior dinamismo no processo de busca de caminhos para o sempre presente desafio dos problemas. A busca da relação teoria-prática nessa nova proposta para o Curso de Fisioterapia é preocupação central.

No próximo capítulo será focado o Estágio dentro do Curso de Fisioterapia da PUCPR, para o conhecimento específico de sua realidade.

CAPÍTULO III

O ESTÁGIO DO CURSO DE FISIOTERAPIA DA PUCPR

No capítulo anterior, procurei situar o Projeto Pedagógico da PUCPR, em vigor desde 2000, no contexto do movimento que ocorreu no âmbito da Educação no final do século passado e início deste século, tendo em vista a compreensão das transformações que se verificaram no Curso de Fisioterapia dessa Universidade e seu impacto na formação do profissional da área.

Fundamentado na vertente progressista da Educação que se apóia na concepção do Paradigma Emergente da Ciência, de Boaventura Santos, o Projeto Pedagógico da PUCPR e o Projeto do Curso de Fisioterapia passam a defender uma relação professor-aluno-conhecimento, no contexto da formação universitária, numa perspectiva que coloca o aluno como sujeito do seu processo de conhecer, numa dimensão coletiva. Os alunos são incentivados a buscar o conhecimento, pesquisar, questionar, discordar, discutir, propor, criar... E o professor tem um papel de mediador entre o saber sistematizado da sua área de atuação e os problemas postos pela prática social dos alunos, favorecendo uma articulação entre teoria e prática num processo de sistematização coletiva do conhecimento.

Neste capítulo será abordado o estágio no curso de Fisioterapia como espaço

de articulação entre teoria e prática na formação profissional, nessa nova perspectiva colocada pelo Projeto Pedagógico da PUCPR.

Com a implantação do novo Projeto Pedagógico, da PUCPR, em 2000, o Curso de Fisioterapia elaborou um Projeto Pedagógico para a formação do Fisioterapeuta. Nesse projeto, a concepção do processo ensino-aprendizagem sofreu alterações, no sentido de melhorar a qualidade do ensino superior. O que vem a tornar necessário, então, estabelecer-se Programas de Aprendizagem que fomentem a capacidade intelectual dos alunos, aprimorem o conteúdo inter e multidisciplinar dos estudos e pesquisas e apliquem métodos pedagógicos que favoreçam uma aprendizagem mais crítica, particularmente ao se considerar os rápidos e constantes avanços da ciência e da tecnologia nos campos da informática e da comunicação.

Em consonância com o Projeto da PUCPR o Curso de Fisioterapia estruturou-se, tomando como eixo central à articulação da teoria com a prática. Isto implicou, dentre outras coisas, em incluir os Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica I e II, na sua organização do Curso. Essa mudança torna clara a preocupação em garantir ao aluno em formação um contato estreito com a prática desde os primeiros períodos do curso.

A propósito, Zainko (Caderno nº3, UFPR, 1990) observa que o estágio pode oferecer o espaço propício para esta aprendizagem, pois oportuniza o desenvolvimento de habilidades específicas, oportunizando um contato com as questões do cotidiano da profissão. Estimulando habilidades de solução de problemas, representando para a Universidade um espaço de discussão das questões encontradas na prática profissional.

A proposição deste Estágio no início do Curso tem em vista, conforme já citado anteriormente, a estreita articulação entre teoria e prática na formação profissional. Como parte integrante e essencial nessa formação, o Estágio constitui-se num espaço privilegiado de concretização dessa articulação, e no Curso de Fisioterapia isto está presente desde o primeiro e segundo períodos.

De acordo com a lei específica sobre estágio de estudantes de ensino superior e de ensino profissionalizante do 2.º Grau e Supletivo⁸, hoje Ensino Médio, em seu Artigo 1.º, parágrafo 1.º estabelece que o estágio somente poderá "verificar-se em unidades que tenham condições de proporcionar experiência prática na linha de formação, devendo, o estudante, para esse fim, estar em condições de estagiar, segundo disposto na regulamentação da presente Lei". Em seu parágrafo 2.º do mesmo artigo 1.º, a lei estabelece:

os estágios devem propiciar a complementação do ensino e da aprendizagem a serem planejados, executados, acompanhados e avaliados em conformidade com os currículos, programas e calendários escolares, afim de se constituírem em instrumentos de integração, em termos de treinamento prático, de aperfeiçoamento técnico-cultural, científico e de relacionamento humano.

O que se observa é que, na legislação, a proposta de Estágio está fundamentada na concepção da teoria como guia da ação prática. Pressupondo que a formação teórica sólida precede a prática desenvolvida nos estágios. Assim, o estágio é visto como espaço de treinamento onde os estudantes colocam em prática a teoria estudada.

Por outro lado, o Decreto n.º 87.497, de 18 de agosto de 1982, que regulamenta a Lei n.º 6.494/77, assinado pelo então Presidente da República João Baptista

⁸ Lei n.º 6.494, de 7 de dezembro de 1977.

Figueiredo, abre um espaço importante, ao estabelecer que as instituições façam a “inserção do estágio curricular na programação pedagógica” (art.4º., alínea a), bem como a “sistemática de organização, orientação, supervisão e avaliação de estágios” (art.4º., alínea b). De acordo com este Decreto:

Art. 1.º O estágio curricular de estudantes regularmente matriculados e com frequência efetiva nos cursos vinculados ao ensino oficial e particular, em nível superior e de 2º grau regular e supletivo, obedecerá às presentes normas.

Art. 2.º Considera-se estágio curricular, para os efeitos deste Decreto, as atividades de aprendizagem social, profissional e cultural, proporcionadas ao estudante pela participação em situações reais de vida e trabalho de seu meio, sendo realizada na comunidade em geral ou junto a pessoas jurídicas de direito público e privado, sobre responsabilidade e coordenação da instituição de ensino.

Art. 3.º O estágio curricular, como procedimento didático-pedagógico, é atividade de competência da instituição de ensino a quem cabe a decisão sobre a matéria, e dele participam pessoas jurídicas de direito público e privado, oferecendo oportunidade e campos de estágio, outras formas de ajuda, e colaborando no processo educativo.

Art. 4.º As instituições de ensino regularão a matéria contida neste Decreto e disporão sobre:

- a) inserção do estágio curricular na programação didático-pedagógica;
- b) carga-horária, duração e jornada de estágio curricular, que não poderá ser inferior a um semestre letivo;
- c) condições imprescindíveis, para caracterização e definição dos campos de estágios curriculares, referidas nos §§ 1.º e 2º do artigo 1.º da Lei n.º 6.494, de 7 de dezembro de 1977;
- d) sistemática de organização, orientação, supervisão e avaliação de estágio curricular.

Assim, no contexto do Projeto Pedagógico da PUCPR, pautado numa orientação teórico-metodológica mais progressista, o projeto Pedagógico do curso de Fisioterapia apresenta uma proposta que ultrapassa o modelo mais usual, no qual o estágio constitui-se no espaço de aplicação da prática. Desta forma, prevê a atividade de estágio como a inserção do aluno na prática, permitindo ao estagiário vivenciar situações reais com as quais irá defrontar-se no exercício das suas atividades profissionais. Nessa perspectiva, a vivência propiciada pelo estágio permite aprendizagens significativas que levam o aluno a desenvolver condições para atuar como profissional enquanto cidadão crítico, reflexivo e ético na sua área.

Aqui o estágio apresenta-se como um elemento integrador e interdisciplinar, que efetiva a inserção do aluno no próprio ato educacional, permitindo sua participação ativa na construção do conhecimento.

Por outro lado, entende que o objetivo do estágio deve ser o de trazer a realidade profissional para a Universidade de tal modo que se perca a noção de muro ou delimitação de campi, buscando-se uma ação prática acadêmica socialmente comprometida, de modo que a ação coletiva que deve desenvolver-se no seu interior seja uma consequência natural do engajamento de todos, comunidade interna e externa, na busca de qualidade.

A propósito, Zainko (Caderno n.º3, UFPR, 1990) entende que o estágio resulta da relação dinâmica entre teoria e prática já existente durante o curso, na qual o aluno vivência uma experiência acadêmico-profissional orientada para a competência técnico-científica e compreensão das implicações de seu trabalho no contexto das relações sociais. Os princípios orientadores sobre o Estágio, da Comissão Orientadora de Estágios da Universidade Federal do Paraná (Caderno n.º3, 1990), vai ao encontro desta definição de estágio e, complementa que o aluno vivência uma experiência profissional sem abandonar sua condição de aprendiz, vive uma experiência de aprendizagem com o trabalho e no trabalho. Da mesma forma, as *Disposições sobre Estágio* da PUCPR (p.5), estabelecem que o estágio constitui-se no conjunto de :

atividades de aprendizagem, profissional e cultural, proporcionadas aos estudantes pela participação em situações reais de vida e trabalho de seu meio, sendo realizado na comunidade em geral ou junto a pessoas jurídicas de direito público ou privado, desenvolvendo atividades relacionadas a sua área de formação profissional.

De acordo com Buriolla (1999) por possuir um caráter essencialmente educacional, o estágio exige que sua idealização seja definida em função das

condições reais em que ele se efetiva. Esta afirmação reitera a importância do Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica do Curso de Fisioterapia da PUCPR, pois, de acordo com as *Diretrizes para o Ensino de Graduação da PUCPR* (BOTOMÉ & cols., 2000, p.21), os estudantes “precisam também ter uma boa formação para aprender a pensar, a utilizar conceitos, a produzi-los, avaliá-los e a integrar e relacionar diferentes e variadas idéias com rigor, precisão, correção e clareza”. É assim que, ao fornecer condições para que a formação seja iniciada neste contexto, como por meio do Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica, possibilita uma formação mais comprometida com o novo Paradigma Educacional.

O documento *Diretrizes para o Ensino de Graduação da PUCPR* (p.24) afirma ainda que “o desafio da Educação está em preparar as pessoas para atuarem frente às situações com as quais vão defrontar-se no futuro, com base no conhecimento mais significativo existente”. Esse desafio da Educação compreende, neste sentido, também o desafio dos estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica do Curso de Fisioterapia na busca da formação do profissional crítico, reflexivo e ético, capaz de transpor para a sua vida pessoal e profissional o que aprendeu na Universidade. E é principalmente no estágio que ocorre a articulação teoria e prática. A proposição do estágio deve, sobretudo, estar vinculada no sentido de inserção e análise crítica da realidade, por parte do aluno.

A teoria e a prática concebidas como dimensão de um mesmo processo unitário efetivam-se, segundo Vasquez (1977), por meio de uma dinâmica em que a teoria orienta a ação, sendo que a prática pode reorientar a própria teoria conduzindo a uma transformação da realidade, uma vez que existe uma autonomia e dependência mútuas e relativas, que levam o aluno a avançar e progredir. Nesta concepção, teoria e prática são indissociáveis.

Assim, a busca de articulação entre teoria e prática no Curso de Fisioterapia objetiva fundamentalmente o contato do estudante com a atividade profissional desde o início do Curso, tendo a inclusão do Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica como esse espaço inicial.

O Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica do Curso de Fisioterapia na PUCPR

No atual currículo do Curso de Fisioterapia da PUCPR, o aluno entra em contato com o conteúdo de formação específica do Curso após ter passado por programas básicos, iniciando a vivência com a realidade profissional já no 1.º e 2.º períodos do Curso, com a implantação dos Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica para os alunos do 1.º e 2.º períodos. Nestes, o discente acompanha os estagiários dos últimos períodos do Curso, observando o desenvolvimento do cotidiano fisioterapêutico, antecipando um maior conhecimento sobre sua futura profissão.

O Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica tem como um dos objetivos proporcionar ao estudante condições para a busca, o questionamento, e possibilitar uma visão prévia do que será encontrado durante sua formação.

A introdução de um estágio de observação nos primeiros períodos da formação do profissional no Curso de Fisioterapia da PUCPR, implantado como proposta do Projeto Pedagógico, representa um avanço no sentido de permitir ao aluno, mesmo sem a formação específica, visualizar o papel do profissional inserido na prática. Permite estabelecer uma ponte entre teoria e prática, e busca motivar o estudante para a realização do Estágio Supervisionado que ocorre no último ano.

Procura, ainda, propiciar uma visão mais abrangente da atuação profissional, pois o estágio se realiza em diferentes áreas de atuação, em realidades sociais diversas e em um contexto amplo.

Esta vivencia busca fornecer condições para uma formação profissional fundamentada na realidade, tornando o aluno suficientemente habilitado para atuar nas mais diferentes realidades. Nessa proposta, o futuro profissional terá de possuir a habilidade para se comunicar com seus pacientes, saber ouvir e compreender suas condições de vida, requisitos indispensáveis para que possa, de fato, contribuir para a melhoria nas condições de saúde e, ainda, atuar no sistema de forma a transformá-lo, oferecendo maiores possibilidades para um atendimento de qualidade.

Reportando-se ao item que se refere à organização do Curso de Fisioterapia, conforme consta nas Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação do Conselho Nacional de Educação, no Parecer n.º CNE/CES 1210/2001 (p.7-8), observa-se que a estrutura do Curso de Graduação em Fisioterapia deverá assegurar que:

- as atividades práticas específicas da Fisioterapia deverão ser desenvolvidas gradualmente desde o início do Curso de Graduação em Fisioterapia, devendo possuir complexidade crescente, **desde a observação até a prática assistida** (atividades clínico-terapêuticas).
- estas atividades práticas, que antecedem ao estágio curricular, deverão ser realizadas no IES ou em instituições conveniadas e sob a responsabilidade de docente fisioterapeuta.
- as Instituições de Ensino superior possam flexibilizar e otimizar as suas propostas curriculares para enriquecê-las e complementá-las, a fim de permitir ao profissional a manipulação da tecnologia, o acesso a novas informações, considerando os valores, os direitos e a realidade sócio-econômica. Os conteúdos curriculares poderão ser diversificados, mas deverá ser assegurado o conhecimento equilibrado de diferentes áreas, níveis de atuação e recursos terapêuticos para assegurar a formação generalista. [sem grifo no original]

A partir do exposto, o Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica busca fornecer as condições necessárias para que o aluno perceba como são

fundamentais as características de responsabilidade, consciência, compromisso, espírito crítico e inovador para que a aprendizagem seja efetiva. Além disso, este estágio permite ao aluno a vivência de um atendimento fisioterapêutico individual, mostrando também a importância da colaboração do profissional dentro de uma equipe interdisciplinar e a complexidade do entendimento do ser humano nas suas inter-relações, colaborando de forma significativa com a ambientação do aluno para o Estágio Supervisionado no último ano e buscando a qualidade na produção do conhecimento.

Por ocupar um lugar de colaboração com a ambientação do aluno para o Estágio Supervisionado e de busca da qualidade na produção do conhecimento, o Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica fundamenta-se numa abordagem que visa propiciar uma aprendizagem significativa, contextualizada e crítica, que estimule o interesse do aluno pelo estudo e pela pesquisa. Tanto o professor quanto o aluno encontram-se no processo de aprendizagem e, o mais importante, como sujeitos ativos e críticos.

Dentre os autores que investigam as concepções de teoria-prática nas propostas de ensino desse novo tempo, encontra-se Martins (1997) que defende a sistematização coletiva do conhecimento como processo pedagógico. Para essa autora (1997, p.88), é uma tentativa de:

alterar-se, então, a forma de agir, de pensar, de sentir a própria situação escolar. Valorizam-se a prática dos alunos e os problemas postos por essa prática. As propostas de uma pedagogia crítica (...) deixam de cingir-se à transmissão-assimilação de conteúdos, ainda que críticos, e vão na direção da sistematização coletiva de conhecimentos, em que o próprio processo de fazer (forma) passa a ser fundamental como elemento educativo.

Nessa perspectiva, tomando como ponto de partida o saber prévio do aluno, e somando-se o conteúdo que começa a construir-se, no Estágio de Introdução à

Prática Fisioterapêutica o aluno incorpora a atitude de aprender pela elaboração própria, associada à curiosidade de escutar, de observar, e, na seqüência, contextualizar para produzir o conhecimento. Para tanto, propõe-se a observação prática concernente a um tema proposto em períodos pré-estabelecidos nos quais acontecem os Estágios Supervisionados do Curso de Fisioterapia da PUCPR. Posteriormente, busca-se o referencial teórico individual e coletivamente para discussão em grupo sobre o tema, sendo o professor o norteador desse processo, fundamentando os dados colhidos e estruturando o conhecimento adquirido.

Verifica-se que, por meio dessa forma organizacional, o aluno vai buscar o conhecimento, tendo condições para sistematizá-lo coletivamente. A formação é, então, estruturada em atividades que correlacionam teoria e prática, que são somadas para que se contemple a formação do profissional desde os primeiros períodos do Curso. A propósito, numa organização de Curso nessa direção, Martins lembra que ocorrem alterações significativas no processo (1997, p.100) “que ultrapassa a simples transmissão de informações e coloca o professor e alunos num processo de sistematização coletiva dos conhecimentos numa articulação estreita com a realidade de ambos”. Ao que tudo indica, o Projeto do Curso de Fisioterapia parte do pressuposto de que iniciada nos primeiros anos de formação, a articulação teoria e prática possa assumir novas relações em face do conhecimento, com perspectivas de desmistificar as relações existentes na rotina de formação do profissional fisioterapeuta.

O Programa de Aprendizagem Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica situa-se no Curso de Fisioterapia da PUCPR nos 1.º e 2.º períodos, sendo no primeiro período denominado de Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica I e no segundo período de Estágio de Introdução à Prática

Fisioterapêutica II. Cada um dos programas possui uma carga horária total de trinta e seis horas/aula, sendo realizados nos locais de Estágio Supervisionado freqüentados pelos alunos do último ano do Curso.

Os locais de estágio que contemplam as diferentes áreas de atuação profissional nos quais o aluno desenvolve sua prática observatória, são:

QUADRO 1. LOCAL DOS ESTÁGIOS DE INTRODUÇÃO À PRÁTICA FISIOTERAPÊUTICA DE ACORDO COM A ÁREA DE ATUAÇÃO

Local dos Estágios	Áreas de Atuação Profissional
Associação dos Deficientes físicos do Paraná	Doenças do aparelho locomotor
Clínica de Fisioterapia da PUCPR	Ortopedia, Traumatologia e Reumatologia
Hospital Infantil Pequeno Príncipe	Pediatria hospitalar geral
Hospital Universitário Cajuru	Hospitalar do trauma, hospitalar clínico e cirúrgico
Pequeno Cotelengo do Paraná	Assistência ambulatorial e institucional neurológica geral

Fonte: dados da pesquisa

As aptidões/competências e habilidades a serem desenvolvidas no Programa de Aprendizagem Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica I são, respectivamente:

- a) conhecer diferentes campos de atuação da Fisioterapia;
- b) desenvolver pesquisas sobre os temas relacionados às práticas observadas e propiciar a associação teórico-prática;
- c) reconhecer a importância do relacionamento terapeuta/paciente;
- d) elaborar relatórios sobre a observação no Estágio.

As aptidões/competências e habilidades a serem desenvolvidas no Programa de Aprendizagem Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica II são:

- a) reconhecer resultados nas terapias assistidas;
- b) reconhecer interação com demais profissionais atuantes na equipe do setor;
- c) desenvolver pesquisas sobre os temas relacionados às práticas observadas e propiciar a associação teórico-prática.

O grupo de alunos do 1.º período é dividido em cinco subgrupos, sendo estes compostos em média, por 12 alunos. Cada subgrupo, durante o semestre, tem a oportunidade de vivenciar diferentes áreas de atuação profissional nos seguintes locais: Associação dos Deficientes Físicos do Paraná, Clínica de Fisioterapia da PUCPR, Hospital Infantil Pequeno Príncipe, Hospital Universitário Cajuru e Pequeno Cotoleto do Paraná.

Assim, a dinâmica do Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica I estabelece-se em três momentos. Primeiramente o subgrupo de doze alunos é dividido novamente, sendo que metade desses passa a comparecer ao local de Estágio, enquanto a outra metade dirige-se à biblioteca a fim de iniciar as pesquisas sobre o tema de estudo do Estágio, com o objetivo de elaborar e desenvolver o trabalho teórico, cuja realização foi previamente informado ao aluno por meio do contrato didático que recebeu no início do Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica I (Anexo 1).

Neste primeiro momento no local de Estágio o aluno é levado a conhecer toda a estrutura do local e a acompanhar um aluno do último ano durante um

atendimento fisioterapêutico. A partir dessa observação o aluno elabora um relatório, no qual deverá ser feita a descrição de como ocorre a dinâmica do atendimento fisioterapêutico no local, incluindo o estudo da patologia que o paciente observado apresenta, além da pesquisa teórica sobre o tema de estudo do local de Estágio. Em um segundo momento ocorre a troca de tarefas, na semana seguinte àquela inicial, ou seja, invertem-se os locais de frequência dos alunos.

O terceiro momento ocorre na última semana de encontro do Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica, quando todo o subgrupo de doze alunos se dirige ao local de Estágio, e é realizado o *feedback* entre professor e alunos. Por fim, o relatório e o trabalho teórico são entregues ao final deste encontro.

Relativo ao desenvolvimento do Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica II do 2.º período, a dinâmica é conduzida da mesma forma, porém, nesta etapa não é realizado o relatório, uma vez que os locais de Estágio são os mesmos do 1.º período e neste momento direciona-se ao desenvolvimento de um tema de estudo com maiores correlações na prática vivenciada. Estes temas são previamente estabelecidos no contrato didático entregue para os alunos no início do Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica II (Anexo 2).

A metodologia utilizada nos Programas de Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica I e II baseia-se em leituras críticas e reflexivas das referências propostas, na produção individual de texto sobre as abordagens pesquisadas, na discussão coletiva sobre os estudos de caso – *feedback*, e ainda na elaboração de relatórios.

A avaliação do aluno nestes Estágios ocorre paralelamente ao desenvolvimento das atividades sugeridas pelos professores dos Programas, tendo como critérios a participação do aluno nas dinâmicas de grupo e nos debates

propostos, bem como a qualidade na elaboração e pontualidade na entrega de trabalhos acadêmicos e atividades de pesquisas desenvolvidas. A avaliação considera ainda a produção de relatórios de visita e a discussão dos temas propostos, com demonstração das competências e habilidades desenvolvidas.

Os fatores de avaliação dos alunos referidos anteriormente são constituídos de quatro itens, no Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica I, com valores determinados, conforme se demonstra no quadro a seguir:

QUADRO 2. FATORES DE AVALIAÇÃO E VALORES ATRIBUÍDOS AO ESTÁGIO DE INTRODUÇÃO À PRÁTICA FISIOTERAPÊUTICA I

Fatores de avaliação	Valores atribuídos
Relatório de observação prática	1,5 pontos
Trabalho teórico	2,0 pontos
Presença	3,0 pontos
<i>Feedback</i>	3,5 pontos
Total	10,0 pontos

Fonte: Manual de Estágio do Curso de Fisioterapia (2000)

Os fatores de avaliação dos alunos no Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica II cursada no 2.º período, são compostos de três itens, com valores determinados, conforme o quadro a seguir:

QUADRO 3. FATORES DE AVALIAÇÃO E VALORES ATRIBUÍDOS AO ESTÁGIO DE INTRODUÇÃO À PRÁTICA FISIOTERAPÊUTICA II

Fatores de Avaliação	Valores Atribuídos
Trabalho teórico	3,5 pontos
Presença	3,0 pontos
<i>Feedback</i>	3,5 pontos
Total	10,0 pontos

Fonte: Manual de Estágio do Curso de Fisioterapia (2000)

A partir da sistematização adotada para desenvolvimento deste estudo, no capítulo seguinte é descrita a metodologia de pesquisa desenvolvida, descrevendo-se todas as fases percorridas para alcançar os objetivos desta investigação. Ou seja, o estudo procurou analisar estes Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica I e II para compreensão, do ponto de vista dos alunos e dos professores, se as competências definidas no plano didático do Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica foram desenvolvidas pelos alunos e qual a contribuição para o melhor aproveitamento do aluno com relação ao Estágio Supervisionado do Curso de Fisioterapia da PUCPR.

CAPÍTULO IV

METODOLOGIA DA PESQUISA

Este capítulo apresenta aspectos relativos à metodologia de pesquisa utilizada para a elaboração desta dissertação. Como dissemos anteriormente, esse trabalho tem como objetivo analisar o impacto dos Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica I e II para formação do profissional, no contexto do Projeto Pedagógico da PUCPR, implantado em 2000. Para tanto, desenvolvi uma pesquisa junto a professores e alunos que viveram a realidade dos Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica, do Curso Fisioterapia da PUCPR, portanto, no “ambiente natural”.

Pelas características do objeto de estudo ora delimitado, optei por uma abordagem qualitativa de pesquisa, modalidade Estudo de Caso. Essa opção permitiu o aprofundamento do problema, buscando “retratar a realidade de forma completa e profunda” (LUDKE & ANDRÉ, 1986, p.19), e tratar o objeto como único, sem que isso implicasse afastamento do contexto sócio-histórico.

É importante acrescentar que Lüdke e André (1986), afirmam que quanto a revelação de fatos e dados numa perspectiva de investigação qualitativa nas ciências sociais, estes não se evidenciam de maneira objetiva e imediata e nem são enfrentados por meio de uma neutralidade científica. Afinal, a explicação dos

fenômenos sofre influências do pesquisador que ao interpretar os fatos os ajusta ao seu sistema de valores e conhecimentos acumulados, além de apresentar seus interesses particulares e suas preferências.

Na organização desse estudo primeiramente foram definidos como sujeitos da pesquisa somente os **alunos**, que em 2000 passaram pelos Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica I e II, e em 2003 estavam cursando o Estágio Supervisionado do último ano, do Curso de Fisioterapia da PUCPR. Como o Programa de Aprendizagem congrega docentes e discentes, a pesquisa envolvendo apenas estudantes geraria uma visão unilateral em relação ao Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica I e II. Com este raciocínio, foi realizado um estudo exploratório com o objetivo de obter informações para auxiliar na determinação do universo de pesquisa e elaboração dos instrumentos.

Para tal, foi elaborado um instrumento de pesquisa, neste caso o questionário estruturado, constituído de cinco questões abertas e quatro fechadas (Anexo 3), e aplicado aos professores nos dias 8 e 9 de maio de 2003. Dos nove professores que participam deste Programa de Aprendizagem, quatro participaram do estudo.

As questões elaboradas relacionaram-se ao benefício do Estágio para a formação profissional e para a realização do Estágio Supervisionado no último ano do Curso. Incluíram, ainda, a metodologia de avaliação, as competências e habilidades a serem desenvolvidas neste Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica, e a necessidade de aperfeiçoar o Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica I e II, incluindo as sugestões para esse aperfeiçoamento.

As análises das respostas obtidas por meio do estudo exploratório evidenciaram a importância da participação dos professores na pesquisa e, portanto, decidiu-se incluí-los na mesma. Os quatro professores-supervisores dos Estágios

que não participaram do estudo exploratório responderam ao questionário posteriormente. Do total de nove professores-supervisores dos Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica, um deles não participou do estudo, por se tratar desta pesquisadora.

Desta forma, definir como os sujeitos da pesquisa os alunos e professores do Curso de Fisioterapia da PUCPR, sendo os **professores** aqueles responsáveis pelo Programas de Aprendizagem Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica I e II.

A escolha recaiu sobre esses sujeitos considerando um aspecto fundamental desse tipo de investigação que segundo Lüdke & André (1986, p.12), “nesses estudos há sempre uma tentativa de capturar a ‘perspectiva dos participantes’, isto é, a maneira como os informantes encaram as questões que estão sendo focalizadas”. Além disso, é a partir da minha prática como professora do Curso em estudo que a problematização se dá.

É importante pontuar também que o “Estudo de Caso não tem a pretensão de gerar novas teorias sociais, mas questionar a abrangência de um conceito” (ROESE, 1998, p.191). Nessa perspectiva procurei investigar o Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica I e II como espaço de formação em que se constroem respostas e se produzem novos conhecimentos diante das contradições próprias do espaço universitário de formação. Essas contradições vividas por seus agentes (professores e alunos) ao mesmo tempo, favorecem novas investigações.

Para atender aos objetivos desse estudo, utilizei como instrumento de investigação a observação participante e questionários semi-estruturado. Os dados foram coletados de maneira a permitir que os sujeitos estudados expressassem suas práticas nos Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica e suas

percepções do impacto desses Estágios para a etapa do Estágio Supervisionado dos últimos períodos.

Para levantar os dados necessários ao estudo, utilizei questionários devidamente direcionados para cada grupo de sujeitos da pesquisa: ao professor (anexo 4) e ao aluno (anexo 5). Junto com os questionários, tanto do professor como do aluno, foi encaminhada uma carta explicativa (anexos 6 e 7), detalhando os objetivos da pesquisa.

Ao instrumento de coleta dos dados respondidos pelos quatro professores no estudo exploratório, foi adicionada uma questão na qual o professor poderia sugerir até três referências bibliográficas que são utilizadas de subsídio para o estudo nos Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica.

Portanto, participaram da pesquisa todos os oito professores-supervisores dos Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica, sendo os dados coletados nos meses de maio e julho de 2003. Em relação ao grupo dos alunos do sétimo e oitavo períodos do Curso de Fisioterapia da PUCPR de 2003, que no ano de 2000 cursaram os Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica I e II, os dados foram coletados no período compreendido entre junho e agosto de 2003. O número total de estudantes dos turnos da manhã e da tarde do último ano do Curso de Fisioterapia do ano de 2003 da PUCPR foi de noventa e oito alunos, participando desta pesquisa um total de noventa alunos.

As questões dirigidas aos alunos referiram-se ao conceito de estágio de observação, quanto à explicitação do que seria desenvolvido nos Estágios de Introdução à prática Fisioterapêutica e quanto às aptidões e competências a serem desenvolvidas nestes Programas de Aprendizagem. Incluíram-se ainda as críticas e

sugestões sobre os Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica na visão dos alunos.

Neste contexto, a pesquisa envolveu o ponto de vista dos alunos e dos professores, analisando se as competências definidas no plano didático do Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica foram desenvolvidas pelos alunos e qual a contribuição para o melhor aproveitamento do aluno com relação ao Estágio Supervisionado no 7.º e 8.º períodos do Curso de Fisioterapia da PUCPR.

Para análise dos dados, primeiramente realizei a interpretação das respostas sob a forma de tabelas, contendo o teor das respostas dos professores (Anexo 8) e dos alunos (Anexo 9). Foi possível observar-se em muitas ocasiões, nas questões abertas, que um mesmo sujeito fez várias contribuições em uma mesma resposta; assim sendo, a somatória das ocorrências do conteúdo das respostas excedeu, na maioria das vezes, o número total dos sujeitos da pesquisa.

Situação semelhante ocorreu com as justificativas das questões abertas e as sugestões que surgiram no decorrer da análise dos dados, que, em alguns momentos, foram contribuições de conteúdo semelhante. Desta forma, o número no final de cada justificativa ou sugestão apresentada na tabela corresponde ao número de vezes em que a mesma implicação foi encontrada nas respostas.

Foram criadas três as categorias de análise das questões, tanto para o questionário aplicado aos professores quanto ao aplicado aos alunos, que foram assim distribuídas:

- Estágio como exercício de iniciação acadêmico-profissional;
- Estágio como caminho de articulação teoria e prática;
- A estrutura dos Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica do Curso de Fisioterapia da PUCPR.

Dentro destas categorias de análise, foram analisadas as respostas dos professores, seguidas da análise das respostas dos alunos, e durante a transcrição das respostas foi feita à síntese das mesmas, procurando-se manter as idéias encontradas sem que houvesse alterações de conteúdo.

Desta forma, o próximo capítulo apresenta a análise dos dados coletados na pesquisa, que teve como objeto de estudo os Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica.

CAPÍTULO V

O IMPACTO DO ESTÁGIO DE INTRODUÇÃO À PRÁTICA FISIOTERAPÊUTICA

A pesquisa desenvolvida junto aos professores e alunos do curso de Fisioterapia da PUCPR possibilitou uma reflexão acerca do impacto do Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica da PUCPR, objeto desse estudo no contexto do Projeto Pedagógico da instituição implantado em 2000. Os resultados obtidos são, assim, apresentados neste capítulo, bem como as análises dos mesmos baseados nos objetivos propostos neste estudo.

Para proceder à análise dos dados propriamente dita, inicialmente foram definidas três categorias de análise, quais sejam, o estágio como exercício de iniciação acadêmico-profissional; o estágio como caminho de articulação teoria e prática e a estrutura dos Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica do Curso de Fisioterapia da PUCPR. A sistematização e posterior análise dos dados levantados foram organizados a partir das óticas do professor e do aluno. É importante, porém, registrar que esta divisão é considerada apenas para fins didáticos, uma vez que aluno e professor estão intimamente relacionados nesse processo.

Estágio como exercício de iniciação acadêmico-profissional

Pela ótica do Professor

Na concepção dos professores participantes da pesquisa, os benefícios do Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica são incontestáveis. Para eles, esse Estágio promove um maior contato dos alunos com os pacientes, possibilita a interação entre os profissionais da área da saúde, permitindo ainda um prévio conhecimento da futura prática profissional já no início do Curso, e, oportunizando assim ao aluno avaliar ou mesmo reavaliar sua opção profissional. Esta aproximação do acadêmico com a realidade profissional contribui, ainda, para elaboração do seu perfil profissional. Isso fica evidente na fala dos professores quando afirmam:

O aluno tem a possibilidade real de estar no ambiente de atendimento podendo visualizar o atendimento fisioterapêutico propriamente dito, a relação do estagiário com o paciente, o papel do professor-supervisor e principalmente compreender o papel do profissional atuando na carreira em que escolheu. (sujeito 5)

Permite o conhecimento, pelo aluno, da futura prática profissional no início do curso. (sujeito 6)

O aluno tem contato com o paciente, com familiares dos pacientes, com profissionais e estudantes da área de saúde. (sujeito 2)

Contribui para a elaboração do perfil profissional desde o início do curso, pois ocorre a diminuição do espaço existente entre os programas de aprendizagem básicos e os aplicados, sendo que é durante os programas aplicados que os alunos se deparam com as características do cotidiano de um fisioterapeuta. (sujeito 7)

Relativamente a essa questão, Suzuki (2001) desenvolveu um estudo sobre Estágio, no qual verificou a importância que os professores atribuem ao contato do aluno com a prática desde o primeiro ano do Curso. Dos sujeitos pesquisados pela autora, 66.7% consideram a necessidade do início dos Estágios desde o 1.º ano do Curso de Fisioterapia, justificado pela possibilidade de esclarecer o papel do

profissional junto à equipe e ao paciente, e também por elucidar sua área de atuação e sua finalidade profissional.

Já na pesquisa que deu origem a essa dissertação, um dos professores participantes crítica o fato de o aluno permanecer um curto período de tempo nos locais dos Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica, com o agravante de que mesmo quando este está no local, nem sempre pode contar com outros profissionais da equipe interdisciplinar atuando, uma vez que existe a possibilidade de os horários não coincidirem. Assim, segundo este professor, torna-se difícil a observação do trabalho em conjunto com os diversos profissionais.

Ainda referindo-se ao benefício que o Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica traz à formação profissional do fisioterapeuta, um dos professores refere-se à importância da observação do contato entre o terapeuta e o paciente, que pode ser percebida em alguns dos relatos dos participantes:

Promove maior contato dos alunos com os pacientes, favorecendo a interação, assim contribuindo como estímulo ao ensino-aprendizagem. (sujeito 1)

Favorece esta relação terapeuta e paciente, à medida que aproxima o aluno de sua futura realidade que começa a ser mais intensa no último ano, na qual o terapeuta será ele próprio. (sujeito 6)

O levantamento desta implicação que envolve terapeuta e paciente também foi observada na pesquisa realizada por Kulczycki (2002). Neste estudo algumas das respostas dos alunos ao questionamento sobre quais competências e habilidades o Curso de Fisioterapia deve desenvolver antes de o aluno iniciar o Estágio Supervisionado, manifestam a necessidade de se desenvolver a relação do terapeuta com o paciente. A referência a esta relação entre terapeuta e paciente foi constatada em oito respostas dos cento e vinte três alunos participantes da pesquisa

citada. Sendo, portanto, considerada pela autora (2002, p.68) como uma preocupação de significância em relação à formação dos alunos, a mesma relata:

A preocupação dos estagiários quanto ao aprendizado da relação entre o terapeuta e o paciente é importante, uma vez que, no exercício da profissão, o fisioterapeuta deve saber como agir com o paciente e como estabelecer vínculos de relacionamento profissional.

Com efeito, as respostas obtidas com o questionamento sobre os Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica na PUCPR sugerem que o Estágio representa um local que favorece a articulação entre teoria e prática na medida em que a prática será concomitante com os estudos teóricos realizados durante o Curso. Essa aproximação do aluno com a realidade na qual irá atuar, constitui-se em um espaço de reflexão sobre e a partir da realidade junto ao campo futuro de trabalho. Melhor dizendo, o profissional precisa desenvolver uma competência teórico-prática num processo que favoreça a estreita articulação e não a sobreposição entre esses dois pólos do processo de conhecer, sempre numa dimensão mais coletiva.

Estas considerações vão ao encontro do conceito de *práxis* que, segundo Botomé (2000), compreende três momentos: agir, refletir sobre esta ação e voltar a agir valorizando o resultado desta análise. Desta forma leva-se a uma formação transformadora em constante mudança, acompanhando as exigências do mundo moderno e, contribuindo para construir um profissional apto a servir a comunidade acordo com suas necessidades.

Dentre os benefícios citados pelos professores, está o de observar a realidade profissional e suas implicações nas diferentes áreas de atuação, como apontam alguns dos sujeitos:

Faz com que o aluno compreenda e desenvolva suas pesquisas em diferentes áreas de atuação na profissão, aproximando o acadêmico de fisioterapia à realidade profissional, assim como ao mercado de trabalho. (sujeito 8)

...conseguimos observar a mudança de atitude em relação a pesquisa, postura e amadurecimento do aluno. (sujeito 7)

O aluno passa a questionar o comportamento dos discentes que teve a oportunidade de observar e começa a ser mais crítico com ele mesmo. (sujeito 2)

Quando questionados se o Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica traz benefícios ao Estágio Supervisionado no último ano do Curso de Fisioterapia, os professores foram unânimes em responder positivamente. Quando questionados sobre quais são estes benefícios, na análise das respostas fornecidas pelos professores foi possível observar-se um grande número de respostas relacionadas ao exercício de iniciação acadêmico-profissional. Sendo que os benefícios mais citados foram, respectivamente, permitir maior conhecimento sobre o local de estágio, sobre a sistemática desenvolvida, e ainda oportuniza o primeiro contato do aluno com a realidade profissional, além de ampliar seus conhecimentos relativos às diferentes áreas de atuação do profissional fisioterapeuta.

Os depoimentos transcritos a seguir mostram que o reconhecimento do ambiente profissional e sua dinâmica beneficiam de forma significativa à formação do discente, sendo de grande relevância ao Estágio Supervisionado dos últimos anos do Curso, e principalmente à sua vida profissional futura:

Conhecimento prévio dos locais, da população atendida e do que os espera como profissionais. (sujeito 6)

... já observa a sistemática, isso facilita o aprimoramento de seus conhecimentos. Possibilita observar situação ou situações em que ele quer futuramente ser semelhante como profissional, e até mesmo que considere inadequado. (sujeito 5)

Com relação às competências e habilidades que esses Programas de Aprendizagem estabelecem, os sujeitos da pesquisa consideram que estas são

efetivamente desenvolvidas pelos alunos nos Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica I e II. No entender de um dos professores, porém, este objetivo é atingido apenas parcialmente, e dos oito professores que participaram dessa pesquisa, um não respondeu a essa questão.

Com a apreciação das respostas apresentadas no questionamento sobre a relevância para o Estágio Supervisionado como exercício de iniciação acadêmico-profissional, observou-se que cada professor pontuou as competências e habilidades como desenvolvidas, acrescentando seu parecer sobre o que considerou de maior relevância para o Estágio Supervisionado do último ano do Curso. Dentre os pontos levantados, predominaram a identificação profissional como sendo de maior importância, sendo ainda citadas a oportunidade de conhecer os diferentes campos de atuação - e nestas áreas reconhecer a importância do relacionamento terapeuta/paciente - e ainda a de oportunizar a interação com os demais profissionais atuantes na equipe do setor. Destacam-se, a seguir, algumas das respostas pertinentes à identificação profissional:

A maior relevância é a mudança do perfil do aluno, que anteriormente era adaptado somente a sala de aula e, agora conseguimos observar a mudança de atitude em relação a pesquisa, postura e amadurecimento do aluno. (sujeito 7)

Desenvolvem o senso crítico na postura profissional. Desperta a importância do "por quê", o aluno começa a situar-se em sua escolha. Devendo adquirir todo o conhecimento estimulado por estes programas de aprendizagens desde o início do Curso, como pressuposto de melhorá-los quanto a qualidade a medida que o aluno evolui nos períodos. (sujeito 3)

Nestes relatos observa-se que o Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica, apresenta-se como um elemento integrador, que efetiva a inserção de alunos e professores na realidade profissional. Esta inserção na realidade, numa progressão crescente que abrange desde a observação e análise das várias atividades profissionais, determina uma evolução consciente, compartilhada e

construída entre todos os participantes do processo de formação e qualificação profissional. Uma aproximação com a realidade auxilia sobremaneira o processo de aprendizagem, propiciando o exercício de algumas características tais como responsabilidade, consciência, compromisso, espírito crítico e inovador. Esta aproximação, conforme relato já mencionado pela Comissão Orientadora de Estágios (Caderno nº3, UFPR, 1990), na qual o aluno vivencia a realidade profissional, permite ao aluno experimentar uma atividade profissional de aprendizagem sem, contudo, abandonar sua condição de aprendiz.

Ainda sobre a relevância para o Estágio Supervisionado dos últimos períodos do Curso de Fisioterapia, os professores participantes da pesquisa pontuaram que reconhecer a importância do relacionamento terapeuta/paciente dentro do contexto terapêutico, conforme já citado anteriormente, fornece informações valiosas tanto para a eficiência da atuação profissional como para a evolução do paciente. Assim eles se expressam:

Reconhecimento pelo acadêmico da importância da comunicação e da relação terapeuta/paciente, assim como, as dificuldades que envolvem este relacionamento. (sujeito 6)

O contato inicial do acadêmico com a prática supervisionada, com o perfil dos pacientes e das patologias mais frequentes do seu futuro local de estágio, faz com que diminua sua ansiedade em função do desconhecido, e quebra de certa forma a barreira cultural da insegurança, que é a de realizar uma determinada tarefa pela primeira vez. (sujeito 7)

Assim, o aluno conscientiza-se sobre a amplitude de sua abordagem profissional, passando a compreender o indivíduo dentro de seu contexto social e econômico e, principalmente, a considerar suas perspectivas de vida.

Por fim, nessa questão, observou-se ainda que o teor da resposta de um dos professores reflete sua preocupação ao acrescentar uma terceira alternativa – “parcialmente” – na questão que se refere à relevância do Estágio de Introdução à

Prática Fisioterapêutica para o Estágio Supervisionado, o que pode ser constatado em sua resposta e também mencionado pelo sujeito 6:

Dificuldade em reconhecer na prática a interação fisioterapeuta com os demais membros da equipe profissional, considero que isto aconteça em função do pouco tempo de permanência do acadêmico no local de estágio, e da dificuldade de eleger no seu “dia a dia” um trabalho em equipe multidisciplinar (...). (sujeito 1)

(...) dificuldade em reconhecer os resultados das terapias assistidas, talvez pela falta de conhecimento da técnica e da patologia. (sujeito 6)

Desta forma, por mais que o aluno enfrente dificuldades, conforme refere o sujeito 6, considero que esta oportunidade integradora no início da formação baseada não somente na ação pela ação e sim com todas as suas inter-relações, é de fundamental importância para a formação de um futuro profissional comprometido com todas as exigências do mundo moderno.

Estas considerações dos professores, em relação às cinco primeiras questões do instrumento de coleta de dados, contemplam algumas das propostas estabelecidas no plano didático destes Programas de Aprendizagem Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica I e II, na qual o aluno deverá estar apto, quanto às competências e habilidades, a conhecer diferentes campos de atuação da Fisioterapia, desenvolver pesquisas sobre os temas relacionados às práticas observadas e proporcionar a associação teórico-prática e, por fim, reconhecer resultados nas terapias assistidas.

Percebe-se nas respostas dos professores, que estas competências e habilidades estão sendo desenvolvidas pelos alunos dos Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica I e II, o que reforça a importância deste Programa de Aprendizagem no Curso de Fisioterapia da PUCPR.

Pela ótica do Aluno

As categorias de análise consideradas no instrumento de coleta de dados aplicado ao grupo dos alunos foram as idênticas àquelas propostas no questionário dirigido aos professores.

A primeira questão resgata a definição de “Estágio de Observação”, pois os Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica I e II caracterizam-se como tal. Os alunos que responderam ao instrumento de pesquisa cursaram os Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica em 2000, e suas definições sobre Estágio de Observação estão pautadas na sua própria experiência, que fica evidente no conteúdo de suas respostas.

Ao analisar as respostas a esta questão, observou-se que a maioria dos alunos, ao definirem Estágio de Observação, citaram duas implicações de maior relevância: a possibilidade do conhecimento inicial da profissão e a oportunidade de conhecer as diversas áreas de atuação da Fisioterapia. Os acadêmicos relacionaram ainda a oportunidade de visualizar a prática como uma primeira vivência profissional, contemplando o Estágio como exercício de iniciação acadêmico-profissional.

O atendimento aos pacientes, realizado no Estágio Supervisionado pelos alunos do 7.º e 8.º períodos e norteados pelo professor-supervisor, colocam o aluno em contato com a realidade da profissão. Esta experiência observada pelo aluno de 1.º e 2.º períodos, nos Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica, proporciona aos alunos uma percepção prática do que é ser Fisioterapeuta, e, segundo eles, constitui-se em uma possibilidade de observar a importância da profissão no contexto social, sendo também considerado como um momento de identificação profissional.

Assim eles se expressam:

Uma excelente oportunidade para observar o que é fisioterapia, “para que serve”, sua importância... (Sujeito 3)

Importante para ambientar-se, conhecer, aprender... (Sujeito 18)

...ambientação com o atendimento, com os pacientes, com as patologias... (Sujeito 57)

O primeiro contato com a nossa profissão, (...) e conhecimento das diversas áreas da fisioterapia. (sujeito 26)

Importante, pois o acadêmico tem a oportunidade de reconhecer precocemente o ambiente profissional e de tomar conhecimento de seu futuro profissional. (Sujeito 43)

... acompanha atendimentos, percebendo assim a importância da atuação fisioterapêutica... (Sujeito 46)

A esse respeito, encontramos estudos e pesquisas realizadas por outras universidades. A Universidade Estadual de Londrina, por exemplo, realiza um projeto do qual participam alunos e professores do Curso de Fisioterapia. O projeto intitulado *Projeto Especial de Ensino - Prática Multiprofissional e Interdisciplinar – PEEPIN*, foi criado há 9 anos no Centro de Ciências da Saúde da UEL. Segundo Trelba (2003, p. 42), a instrutora do *Projeto PEEPIN*,

o aluno já no primeiro ano entra em contato com a comunidade e ela passa a ser a “sala de aula”. Um dos objetivos do projeto é criar no aluno a noção de responsabilidade social e a visão da sua profissão, não somente no processo de saúde-doença, mas na realidade da saúde e da doença dentro do contexto da comunidade. Este projeto é um exemplo da participação da Universidade na formação de profissionais que reconhecem o seu papel na sociedade, bem como o da sua profissão.

Com efeito, o relato dos alunos, sujeitos da pesquisa que realizei, vai ao encontro da proposta do Projeto PEEPIN (TRELBA 2003), na qual o aluno do primeiro ano tem sua vivência e participa como sujeito ativo da aprendizagem, exercendo seu papel com grande responsabilidade, o que difere da visão tradicional, cuja abordagem considera o aluno dos anos iniciais como “aquele que não sabe nada”, sendo considerado muito imaturo.

Assim, fica evidente que os Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica cria, além da possibilidade do conhecimento das diversas áreas de atuação da Fisioterapia, a oportunidade do contato com outros profissionais. Os depoimentos a seguir ilustram esta assertiva:

Uma maneira de mostrar ao aluno do 1.º e 2.º períodos do Curso de Fisioterapia as áreas onde atuam, como atuam e a relação dos fisioterapeutas com os outros profissionais da equipe do setor. (Sujeito 6)

... conhecer as áreas de atuação da Fisioterapia, ter o contato com os pacientes e profissionais da área de saúde. (Sujeito 20)

Também na visão dos alunos, a vivência dentro deste contexto oportuniza o conhecimento da relação entre terapeuta e paciente, sendo que neste momento o terapeuta é o aluno do último ano durante o Estágio Supervisionado. Nos relatos dos alunos - sujeitos desta pesquisa, pode-se observar que pelo fato de os mesmos estarem participando, mesmo que na condição de observadores, do Estágio Supervisionado, a contribuição como ambientação é significativa, uma vez que futuramente estarão exercendo em seu último ano de formação acadêmica, o papel de terapeuta. Estas proposições são evidenciadas nos seguintes relatos:

... oportunidade de conhecer nossa profissão desde o princípio, as áreas em que o profissional Fisioterapeuta atua e como será no último ano. (Sujeito 27)

Importante para observar o procedimento terapeuta/paciente que posteriormente eu estarei realizando e, quem sabe vir a questionar esta vivência inicial. (Sujeito 47)

Importante para ter uma noção do futuro, tanto a nível universitário como no nível profissional. (Sujeito 56)

É uma oportunidade de "entender" a profissão, pois consegui entender por que estava tendo que realizar um determinado estudo. (sujeito 31)

Observar diversos casos faz com que a curiosidade e as dúvidas surjam e, isto nos estimula a estudar. (sujeito 77)

Uma prática importante, pois iniciamos o aprendizado de como agir com relação ao paciente no Estágio Supervisionado. (sujeito 80)

A quase totalidade dos alunos participantes da pesquisa referiram a possibilidade de conhecer diferentes campos de atuação como uma das contribuições mais importantes do Estágio na sua formação, por permitir a observação presencial dos profissionais nas mais diversas áreas de atuação da Fisioterapia. Esta implicação fica evidenciada nas respostas dos alunos acerca da definição do “Estágio de Observação”, o que nos faz pensar que realmente esta definição emergiu, de fato, a partir da experiência vivenciada nos cinco locais de Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica, como relatado anteriormente.

Dois dos sujeitos do grupo de alunos apontam como sugestão a necessidade de dar continuidade ao Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica no 3.º período, com possibilidade de abranger outras áreas de atuação da Fisioterapia, como por exemplo a área Dermato-Funcional, uma vez que durante o Curso há um Programa de Aprendizagem da referida área, sem contudo, haver espaço no Estágio de observação para os conteúdos desse programa.

A grande maioria dos alunos participantes da pesquisa refere ainda que a vivência dentro dos locais de Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica, nas diversas áreas que este abrange, tornou possível a observação *in loco* de como se desenvolve o convívio e o trabalho interdisciplinar pela interação dos estagiários de Fisioterapia com os demais profissionais integrantes da equipe do setor.

Assim nesta categoria de análise que considera o Estágio como exercício de iniciação acadêmico-profissional, pode-se observar que dentre as várias propostas do Programa de Aprendizagem dos Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica I e II todas foram desenvolvidas, algumas com maior aprofundamento e outras com menor intensidade, porém foram abordadas e, em uma análise preliminar, podem vir a gerar frutos futuros.

Estágio como caminho de articulação teoria e prática

Pela ótica do Professor

Nesta categoria de análise, observei que as respostas dadas pelos professores, à questão acerca de quais seriam os benefícios que o Estágio traz à formação profissional do fisioterapeuta, indicam uma contribuição como caminho de articulação de teoria e prática, pois, segundo eles, possibilita despertar a importância da relação teoria-prática no início do Curso, que leva o aluno ao melhor aproveitamento em sala de aula.

Vale destacar que as Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação do Conselho Nacional de Educação, no Parecer n.º CNE/CES 1210/2001 (p.7-8), assegura a relação teoria e prática no início do Curso de Graduação em Fisioterapia e, específica que as atividades práticas devem ser desenvolvidas gradualmente desde o início do Curso, devendo apresentar complexidade crescente desde a observação até a prática assistida.

Assim, faz-se necessário que, na formação do aluno, além do conhecimento técnico exigido, ele tenha a possibilidade de saber o porquê deste saber, o que este significa, uma vez que desta forma, poderá compreender o seu mundo em todas as suas relações e contradições. O estudante apreende o significado do objeto de estudo e sistematiza um conhecimento a partir dessa vivência prática. Os depoimentos a seguir, confirmam esse aspecto:

Percebo que os alunos que já visualizaram pacientes conseguem acompanhar melhor o raciocínio provocado pelos professores nas aulas teóricas. Também conseguem contextualizar melhor as informações. Os estudos e pesquisas são realizados para solucionar problemas e dentro de um contexto, pois entendem o "por quê" da solicitação dos mesmos. (sujeito 3)

O aluno observa a prática, pesquisa a teoria, discute o que foi observado e pesquisado. Portanto, existe a oportunidade de uma interação maior entre a teoria e a prática. (sujeito 2)

Nesta visão, na qual a construção do conhecimento também se dá a cada momento nas relações dentro da sociedade, Anastasiou (2003, p.14) lembra que uma das funções básicas do ensino é levar o educando a “apreender” a realidade, na perspectiva de compreensão e entendimento da realidade concreta. A autora refere (p.14) que “para apreender é preciso agir, exercitar-se, informar-se, tomar para si, apropriar-se...”. Os alunos precisam estar conscientes de que aprender a ler e a pensar as representações no contexto social levam à busca do conhecimento, que deve ser um processo contínuo a ser perseguido por toda vida.

Segundo a mesma autora, o Estágio oportuniza um espaço de discussão das questões encontradas na prática profissional, favorece a vivência de experiências novas, permite a articulação da teoria e prática, sendo uma forma de intercâmbio de conhecimento “... na direção do apreender, segurar, apropriar, agarrar, prender, pegar, assimilar mentalmente, entender e compreender” (ANASTASIOU, 2003, p.14). A autora entende ainda que (p.26), “... ao trabalhar dialeticamente com o conhecimento, sistematizando processos de pensamento, colocam-se em ação diferentes operações encadeadas e em crescente complexidade”.

Desse ponto de vista, o Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica pode ser considerado como desencadeador de algumas dessas operações, uma vez que sendo um espaço de observação, é o estímulo inicial para provocar processos mentais iniciais de menor complexidade, mas necessários como base, e que podem progredir para maior complexidade.

Nesse sentido, quando o aluno se dedica na busca do aprendizado para além da simples memorização, efetivam-se várias dessas operações de pensamento. Estas operações estimuladas nos estudantes seguindo uma progressão crescente

quanto às suas complexidades, permitirá a estes estruturar a construção do conhecimento cada vez mais complexo.

Para conhecer esse processo de construção do conhecimento complexo que o estudante desenvolve, apresenta-se, a seguir, o quadro das operações de pensamento e seus conceitos/relações.

QUADRO 4. OPERAÇÕES DE PENSAMENTO – CONCEITO/RELAÇÕES

OPERAÇÃO DE PENSAMENTO	CONCEITO/RELAÇÕES
Comparação	Examinar dois ou mais objetos ou processos com intenção de identificar relações mútuas, pontos de acordo e desacordo. Supera a simples recordação, enquanto ação de maior envolvimento do aluno.
Resumo	Apresentar de forma condensada a substância do que foi apreciado. Pode ser combinado com a comparação.
Observação	Prestar atenção em algo, anotando cuidadosamente. Examinar minuciosamente, olhar com atenção, estudar. Sob a idéia de observar existe o procurar, identificar, notar e perceber. É uma forma de descobrir informação. Compartilhada, amplia o processo discriminativo. Exige objetivos definidos, podendo ser anotada, esquematizada, resumida e comparada.
Classificação	Colocar em grupos, conforme princípios, dando ordem à existência. Exige análise e síntese, por conclusões próprias.
Interpretação	Processo de atribuir ou negar sentido à experiência, exigindo argumentação para defender o ponto proposto. Exige respeito aos dados e atribuição de importância, causalidade, validade e representatividade. Pode levar a uma descrição inicial para depois haver uma interpretação do significado percebido.
Crítica	Efetivar julgamento, análise e avaliação, realizando o exame crítico das qualidades, defeitos, limitações. Segue referência a um padrão ou critério.
Busca de suposições	Supor é aceitar algo sem discussão, podendo ser verdadeiro ou falso. Temos que supor sem confirmação nos fatos. Após exame cuidadoso, pode-se verificar quais as suposições decisivas, o que exige discriminação.
Imaginação	Imaginar é ter alguma idéia sobre algo que não está presente, percebendo mentalmente o que não foi totalmente percebido. É uma forma de criatividade, liberta dos fatos e da realidade. Vai além da realidade, dos fatos e da experiência. Socializar o imaginado introduz flexibilidade às formas de pensamento.
Obtenção e organização dos dados	Obter e organizar dados é a base de um trabalho independente; exige objetivos claros, análise de pistas, plano de ação, definição de tarefas-chave, definição e seleção de respostas e de tratamento delas, organização e apresentação do material coletado. Requer identificação, comparação, análise, síntese, resumo, observação,

	classificação, interpretação, crítica, suposições, imaginação, entre outros.
Levantamento de hipóteses	Propor algo apresentado como possível solução para um problema. Forma de fazer algo, esforço para explicar como algo atua, sendo guia para tentar solução de um problema. Proposição provisória ou palpite com verificação intelectual e inicial da idéia. As hipóteses constituem interessante desafio ao pensar do aluno.
Aplicação de fatos e princípios a novas situações	Solucionar problemas e desafios, aplicando aprendizados anteriores, usando a capacidade de transferências, aplicações e generalizações ao problema novo.
Decisão	Agir a partir de valores aceitos e adotados na escolha, possibilitando a análise e consciência deles. A escolha é facilitada quando há comparação, observação, imaginação e ajuizamento.
Planejamento de projetos e pesquisas	Projetar é lançar idéias, intenções, utilizando-se de esquema preliminar, plano, grupo, definição de tarefas, etapas, divisão e integração de trabalho, questão ou problema, identificação das questões norteadoras, definição de abrangência, de fontes, definição de instrumentos de coleta dos dados, validação de dados e respostas, etapas e cronograma. Requer assim identificação, comparação, resumo, observação, interpretação, busca de suposições, aplicação de princípios, decisão, imaginação e crítica.

Fonte: RATHS *et al.* *Ensinar a pensar*. São Paulo: EPU, 1977. (apud ANASTASIOU, 2003, p.28). [sem grifo no original]

Dentro da formação acadêmica partindo-se da observação – Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica - para a prática efetiva – Estágio Supervisionado - busca-se o desenvolvimento dessas operações de pensamento que são instrumentos utilizados no processo de ensino aprendizagem, para produção do conhecimento, sendo este compartilhado pelo professor e pelo aluno.

A articulação teoria e prática sendo estabelecida desde o começo do Curso, no sentido de iniciação acadêmica é presente nas *Disposições sobre o Estágio da PUCPR* (p. 9), que apontam:

O estágio, obrigatório ou não, principalmente quando realizado ao longo do curso, permite identificar a finalidade de seus estudos e mensurar as possibilidades pessoais em termos de realização pessoal e profissional;

O estágio atenua o impacto da passagem da vida de estudante para a vida profissional, contribuindo para "transformar" o estudante de hoje no profissional de amanhã;

O estágio proporciona ao aluno iniciar o processo de integração da teoria com a prática;

O estágio permite ao estudante adquirir uma atitude de trabalho sistematizado, desenvolvendo a consciência da produtividade, **através do exercício da observação, do senso e da criatividade.** [sem grifo no original]

Pelo exame do que foi respondido pelos professores participantes desta pesquisa no que se refere aos benefícios proporcionados pelo Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica ao Estágio Supervisionado no último ano, constata-se que todos são unânimes em reconhecer a efetividade destes benefícios.

Desta forma, fica evidente que o Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica traz, de fato, contribuições positivas ao último ano do Curso, particularmente no que diz respeito à articulação teoria e prática, uma vez que o entendimento sobre ensino e aprendizagem é pertinente quando se considera o Estágio, e é nele que a teoria e a prática aparecem intimamente relacionadas. A esse respeito, Fávero (1996, p.64) afirma:

De acordo com a concepção dialética, teoria e prática são consideradas, na proposta curricular, o núcleo articulador da formação do profissional. Na medida em que os dois elementos são trabalhados de forma integrada, constituindo uma unidade indissociável. A teoria não se apresenta como um conjunto de regras ou normas. É formulada e trabalhada a partir do conhecimento da realidade concreta. Quanto à prática, ela é o ponto de partida e, também, de chegada.

Essas colocações caminham para uma afirmação conhecida: ninguém se tornará profissional apenas porque "sabe sobre" os problemas da profissão, por ter estudado algumas teorias a respeito. Não é só freqüentando um curso de graduação que o indivíduo se torna profissional. É, sobretudo, comprometendo-se profundamente como construtor de uma práxis que o profissional se forma. A partir de sua prática, cabe a ele construir uma teoria, a qual, coincidindo e identificando-se com elementos decisivos da própria prática, acelera o processo, tomando a prática mais homogênea e coerente em todos os elementos.

Ainda nessa perspectiva, Veiga (2001), destaca uma visão de unicidade da teoria e da prática dentro de um projeto pedagógico e pressupõe relações de interdependência, pois ambas se produzem mutuamente, sem primazia de uma sobre a outra, e de reciprocidade, uma vez que não há determinação de uma em relação à outra. Nas palavras da autora (p.56), "não há referências de uma para outra, há dinamicidade".

Já para Vasquez (1977, p.233), esta relação de interdependência se efetiva por meio de “um processo complexo, no qual muitas vezes se passa da teoria à prática e outras desta à prática”.

De acordo com Veiga (2001, p.57) o sentido de *práxis*

não vê a prática em um sentido puramente utilitário, esvaziada dos ingredientes teóricos. A prática é vista como ponto de partida para a produção de novos conhecimentos. Por outro lado, a teoria isoladamente não gera transformações, não produz realidades inovadoras, porque ela se concretiza por meio da prática que a substancia. Teoria e prática são elementos distintos porém inseparáveis...

Assim, continua a autora, reforça-se a concepção de *práxis*, de prática refletida, de atividades teórico-práticas que têm

de um lado, a ação que subsidia o pensamento para construção de novas idéias e formas diferenciadas de intervenções na realidade educacional, e, de outro, a teoria representada por um conjunto de idéias, sistematizado a partir da prática pedagógica.

À luz desses conceitos, verifica-se, pelos dados obtidos junto a professores e alunos, que o Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica possibilita um maior preparo para o Estágio Supervisionado, no sentido de que se constitui como possibilidade de articulação entre teoria e prática desde o início da formação. Isto porque possibilita ao aluno observar e fazer considerações sobre determinadas situações da prática, além de propiciar um contato inicial com o perfil do paciente e o conhecimento das patologias mais freqüentemente encontradas em seu futuro local de Estágio.

A análise dos dados mostra, ainda, que o Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica torna-se um agente facilitador ao Estágio Supervisionado, constituindo-se num elo de ligação entre a teoria e a prática iniciando a construção

do referencial do acadêmico como futuro fisioterapeuta, dentro de um contexto de realidade profissional.

A esse respeito, no sentido de que a aprendizagem exige a compreensão e apreensão do conteúdo pelo aluno, Anastasiou (2003, p.16) esclarece:

é essencial a construção de um conjunto relacional, de uma rede, de um sistema, em que o novo conhecimento apreendido pelo aluno amplie ou modifique o sistema inicial, a cada contato. Quando isso ocorre, a visão sincrética, caótica e não elaborada que o aluno trazia inicialmente pode ser superada e reelaborada numa síntese qualitativamente superior, por meio da análise via metodologia dialética.

Com efeito, Vasconcellos (*apud* Anastasiou, 2003, p.16) afirma que “uma metodologia na perspectiva dialética entende o homem como ser ativo e de relações (...) e que o conhecimento é construído pelo sujeito na sua relação com os outros e com o mundo”. Assim, o Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica pode ser considerado um local adequado para iniciar esta construção do conhecimento, uma vez que promove o enfrentamento dos sujeitos – professor e aluno – com a ciência, a comunidade e a realidade em suas diferentes manifestações.

Observa-se que a relação teoria e prática foi apontada de maneira significativa nas respostas em relação ao benefício do Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica, sendo considerada como fator estimulante ao desenvolvimento da pesquisa, conforme ilustram os depoimentos a seguir:

... possibilidade de pesquisa, pois se existe uma associação da teoria com a prática desde o início do curso, vai ocorrendo um desenvolvimento do conhecimento cumulativamente de qualidade e com significado para o aluno. (sujeito 3)

Faz com que o aluno compreenda como e porque desenvolver suas pesquisas em diferentes áreas na profissão. (sujeito 8)

A pesquisa torna-se necessária, pois surgem questões durante o estágio e estas serão discutidas coletivamente, porém, somente após estudo individual. (sujeito 4)

Ainda que para Buriolla (1999, p.89) “o agir profissional tem embutido em si, explícita ou implicitamente, o desvelamento do movimento entre ‘consciência e ação’, ou seja, de unidade entre teoria e prática”, e que esta relação se dá a partir da realidade vivida, nos Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica, o aluno atua exclusivamente como observador da ação profissional na realidade da prática. Mesmo assim, na visão dos professores investigados, esse tem se constituído num espaço que permite ao acadêmico refletir sobre estas situações e as relações desse processo, provocando sua autonomia de criação e de pesquisa contínua.

Quanto ao estímulo à pesquisa, Zainko (Caderno nº3, UFPR, 1990), ressalta que o espaço estágio coloca o aluno frente às questões presentes no cotidiano da profissão, estimulando a pesquisa e a atualização, em função de discussões das questões encontradas na prática profissional.

Na apreciação das respostas apresentadas no questionamento sobre a relevância do Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica para o Estágio Supervisionado do Curso de Fisioterapia, observou-se que as competências e habilidades consideradas como desenvolvidas em função da articulação da teoria e prática foram: o desenvolvimento da pesquisa (que neste caso teve como base a prática observada), a possibilidade de reconhecer resultados nas terapias observadas, a elaboração de relatórios de observação desta prática e de toda estrutura do local do Estágio o que possibilita discussões e reflexões, que contribuem para o desenvolvimento da formação universitária.

Assim, a análise e a reflexão das experiências vivenciadas tornam-se elementos indicadores para a pesquisa com a intenção de transformar as informações em conhecimentos organizados dentro de um contexto.

Nas palavras de um dos professores participantes da pesquisa:

Desenvolvimento pelo acadêmico de pesquisas conceituais de patologias, relacionadas aos programas de aprendizagem do período anterior ou em curso, torna possível gerar um aprendizado significativo. (sujeito 2)

Referindo-se a esta questão, observo, ainda, que os professores sinalizaram um grande salto qualitativo em relação à aproximação aluno – professor. Abordando este aspecto, Anastasiou (2003, p.15) propõe que

... o papel condutor do professor e a auto-atividade do aluno se efetivam em dupla mão, num ensino que provoque a aprendizagem por meio das tarefas contínuas dos sujeitos, de tal forma que o processo interligue o aluno ao objeto de estudo e os coloque frente a frente.

Esta mudança vai ao encontro da nova proposta para a prática pedagógica fundamentada no Paradigma Emergente. Nesta perspectiva, existe a parceria do aluno e do professor no processo de ensino-aprendizagem. Nas palavras dos professores:

Aproxima o estudante ao ambiente de estágio e possibilita maior interação com os professores e seus colegas. (sujeito 1)

A observação dos alunos do último ano no momento de discussão com seu professor-supervisor durante o estudo de caso, é muito significativo para estes alunos que estão iniciando o Curso. Fica claro para eles que o aluno que questionar, pesquisar, demonstrar responsabilidade para com o paciente, terá o supervisor como parceiro nesta etapa de formação. (sujeito 5)

A troca ocorre quando o supervisor exige deste aluno o estudo, pode auxiliar direcionando, mas não fazer pelo aluno. Assim, surgirá o diálogo buscando contribuir na formação deste estudante. (sujeito 7)

Este é, sem dúvida, um aspecto de grande relevância, pois indica que o Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica possibilita condições propícias para o relacionamento entre os sujeitos, professor-aluno, favorecendo o desenvolvimento articulado da teoria e prática. O professor está em um processo de transição, assumindo um novo papel, passando a ser um mediador na aprendizagem. O aluno

também está em processo de adequação ao novo ritmo, saindo da posição de receptor do conhecimento repassado, assumindo a posição de um estudante mais reflexivo, buscando o conhecimento por meio de pesquisas, questionando, discordando, discutindo, criando... Neste contexto, tanto professor como aluno, estão em processo de adaptação a seus novos papéis. Desta forma, problemas foram identificados, porém é importante salientar que estes alunos e professores-supervisores – sujeitos desta pesquisa são os primeiros integrantes dos Programas de Aprendizagem Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica I e II. Portanto, ajustes e reestruturações farão parte do aprimoramento e crescimento do Programa.

Esse estudo mostra que esta etapa introdutória à formação profissional tem sido considerada pelos professores como um espaço que proporciona o contato dos alunos com os profissionais da Fisioterapia nos diferentes âmbitos ou eixos de atuação, pela via desse contato preliminar com a prática profissional. Isso tem permitido reconhecer as áreas de atuação da Fisioterapia e desenvolver pesquisas sobre temas relacionados às práticas observadas, favorecendo a articulação entre teoria e prática, bem como o estabelecimento da interdisciplinaridade.

Com relação à metodologia de avaliação do Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica, os professores participantes da pesquisa consideram-na adequada. No entanto, também apontam limites. Assim eles se expressam:

As falhas são relativas ao envolvimento do aluno para com o estágio. Pois, depende muito do seu interesse, de sua participação nas atividades programadas e, quando esta integração ocorre de maneira deficitária prejudica o andamento do Programa. (sujeito 5)

Deveria existir um professor específicos para receber os acadêmicos em cada setor e não o supervisor do quarto ano. (sujeito 6)

Número insuficiente de salas de aula disponíveis no Hospital Cajuru, para realiza o *feedback*. (sujeito 7)

A maior falha seria o tempo, que considero pouco. (sujeito 8)

Não obstante esses limites, a pesquisa revela que os professores, consideram positiva a metodologia de avaliação, destacando o Estágio como caminho de articulação teoria e prática. Nas palavras dos professores participantes:

Adequada, pois a avaliação ocorre em vários momentos, durante a observação de pacientes, pelos estudo e pesquisa sobre temas pertinentes e posterior *feedback*, percebendo-se que a maioria dos alunos consegue correlacionar o estudo com a observação realizada. (sujeito 3)

Após a observação é direcionado a produção do trabalho teórico concernente ao tema, realizado em equipe, fornece uma base boa na hora da discussão – *feedback*, e por fazerem entre vários estudantes já se está estimulando a pesquisa. Sendo que os alunos são avaliados quanto a sua participação neste momento de *feedback* e no trabalho teórico. (sujeito 4)

Os relatórios, por serem resultantes da observação, além de servirem como documento escrito para avaliação, podem ser utilizados pelos professores-supervisores como material para discussão coletiva, servindo como sugestões de tema. Assim, solucionam os questionamentos dos alunos contribuindo para uma formação significativa. (sujeito 1)

Um outro aspecto que vale pontuar é que há uma genuína preocupação do grupo de professores em relação a alguns itens da metodologia de avaliação. Eles destacam a necessidade de um compromisso do estudante nesse processo, ao referirem que:

... porque dependem do aluno, do envolvimento dele nas atividades programadas e às vezes quando este comprometimento não ocorre o aluno tem dificuldade em associar conceitos pré-adquiridos, e nesse caso é prejudicado durante o *feedback*, onde é avaliado.

Quando questionados sobre a necessidade de aperfeiçoar o Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica, a maioria dos professores respondeu afirmativamente, sendo que apenas dois dos professores relatam não haver necessidade de aperfeiçoamento nos Programas de Aprendizagem Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica I e II.

Vale salientar que uma das respostas dos professores que mais foram pontuadas, referiu-se à necessidade de desenvolver a prática de correlacionar em

sala de aula assuntos que foram abordados em prática observatória nos Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica, contribuindo como exemplificação do tema e para justificar ao aluno o motivo da abordagem sobre tal assunto, assim possui um contexto para correlações e reflexões. Como já foi mencionado anteriormente, os alunos consideram como fator facilitador do aprendizado, saber “o porquê”, que encontra-se expresso no relato do sujeito 1:

Talvez se os professores que ministrassem aulas no 1.º e 2.º períodos, resgatarem os assuntos desenvolvidos nos estágios, como por meio de exemplos, para “sedimentar” o conhecimento proporcionado e concebido no estágio de observação, poderia ser uma das formas motivadoras ao estudo.

Nesse relato este professor expressa uma preocupação com a articulação teoria-prática. No entanto, a prática aparece como forma motivadora ou como forma de exemplificação dos assuntos abordados nos Programas de Aprendizagem “teóricos”. A concepção de relação teoria-prática que prevalece é ainda dicotomizada. A prática entra como exemplo ou como ilustração e não como ponto de partida para uma problematização, análise e sistematização do conhecimento num processo coletivo, tendo em vista a superação dos problemas postos pela prática verificada no espaço do Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica.

Porém, as situações de Estágio, por propiciarem vivências concretas de trabalho, quando bem contextualizadas pelo professor-supervisor, propiciam o interesse e a motivação necessários ao aprofundamento do aprendizado, pois o estudo de um problema da prática, motiva o aluno a buscar sua resolução, possibilitando o desenvolvimento da capacidade de análise, de crítica e de busca de solução às novas situações e/ou problemas com os quais se defrontará na

continuidade do Estágio e do próprio Curso, assim como no cotidiano de sua futura vida profissional.

Desta forma, pelo relato da maioria dos professores o estudo indica que o Estágio possibilita aos alunos a apropriação progressiva do conhecimento e, conseqüentemente, sua emancipação pessoal e profissional, considerando que o conhecimento de determinado objeto é o princípio fundamental para sua superação.

O conhecimento é citado como uma forma ao mesmo tempo teórico-prática e prático-teórica de compreender a realidade que nos cerca, conforme relata Luckesi (*apud* Anastasiou 2003, p.47), que o considera como “sendo produto de um enfrentamento de mundo realizado pelo ser humano que somente faz sentido à medida que o produzimos e o retemos como forma de entender a realidade, que nos facilite e melhore o modo de viver”.

Sendo o conhecimento obtido a partir da ciência existente, verifica-se que ciência define-se como um “conjunto organizado de conhecimentos sobre determinado objeto, em especial os obtidos mediante a observação dos fatos e um método próprio” (FERREIRA, 1985, p.105). Parte-se então, do pressuposto que a observação é parte importante no processo de construção do conhecimento.

Com relação às sugestões relativas ao Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica os professores apresentam uma “autocrítica” em relação ao papel do professor neste momento do Estágio. Segundo eles, sendo um momento de troca, de produção coletiva do conhecimento, deve ser estabelecido de modo que isto realmente ocorra, aproveitando uma oportunidade de articular teoria e prática única no momento que está em seu Curso. Assim se expressam:

Acredito que os alunos poderiam participar mais durante o encontro do *feedback*, quem sabe um maior estímulo por parte dos professores, não assumindo o papel de professor

ministrando aulas, mas sim de mediador num momento de troca e solução de problemas. (sujeito 3)

Seria interessante se os professores, além da atividade elaborada para o 2.º período do Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica, reforçassem o 1.º período no intuito de rever e exemplificar na prática alguns temas – possibilitando o aprimoramento e a reflexão. (sujeito 2)

Trabalhar intensamente os objetivos gerais dos Estágios de Introdução à prática Fisioterapêutica, já que um precede o outro e se complementam quanto a complexidade sobre a experiência. (sujeito 4)

Tais observações são pertinentes a preocupação com relação às funções atribuídas ao professor que assume seu papel no processo ensino-aprendizagem como mediador, sendo uma aprendizagem ativa do aluno com ajuda pedagógica do professor. O que se afirma neste sentido segundo Libâneo (1998, p. 29), é que

o professor medeia a relação ativa do aluno com a matéria, inclusive com os conteúdos próprios de sua disciplina, mas considerando os conhecimentos, a experiência e os significados que os alunos trazem à sala de aula, seu potencial cognitivo, suas capacidades e interesses, seus procedimentos de pensar, seu modo de trabalhar. Ao mesmo tempo, o professor ajuda no questionamento dessas experiências e significados, provê condições e meios cognitivos para sua modificação por parte dos alunos e orienta-os, intencionalmente, para objetivos educativos.

É nisso, portanto, que consiste a mediação pedagógica, uma ajuda necessária para que o aluno desenvolva a capacidade de compreensão da realidade e de sua atuação nela e que ainda estimule sua atividade mental construtiva.

As sugestões para os Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica do Curso de Fisioterapia da PUCPR demonstram que há necessidade de algumas modificações na visão dos professores. Revelam ainda que, embora a preocupação em buscar a estreita relação entre teoria e prática, a concepção subjacente à prática de alguns desses professores ainda coloca teoria como guia da ação numa dimensão dicotomizada.

Pela ótica do Aluno

As categorias de análise constantes no instrumento de coleta de dados aplicado ao grupo dos alunos foram às mesmas adotadas no questionário aplicado aos professores.

Como exercício de articulação teoria e prática, os dados obtidos apontam, como pontos relevantes sobre os Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica, ser o início da articulação teoria/prática e, ainda pelo fato de o estudante estar inserido no contexto, consideram ser motivador buscar o conhecimento que poderá ser tema de reflexões entre os colegas, mediado pelo professor capacitado para esta função.

A este propósito, Pimenta (1994, p.68) afirma que no Estágio de Observação,

pelo simples fato de introduzir o aluno na escola para observar o seu funcionamento, não capacita para desvendar a complexidade desta. É fundamental que o aluno seja levado a conhecer e a refletir sobre o modo como tal realidade foi gerada, condição esta fundamental mas não única para que venha a transformá-la pelo seu trabalho.

Nesse aspecto, os Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica I e II são considerados como base para o início do processo de aprendizagem durante o Curso de Fisioterapia da PUCPR. Na análise dentro desta categoria alguns instrumentos criados e que foram respondidos pelos alunos, tiveram como objetivo observar o nível de envolvimento dos alunos com as competências e habilidades estabelecidas nos Programas de Aprendizagem Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica.

Assim, estas questões que versaram sobre as competências e habilidades foram organizadas na forma semi-aberta, seguidas de questões em que os alunos

tiveram a oportunidade de registrar críticas e sugestões sobre este Programa de Aprendizagem.

Quanto à possibilidade de reconhecer a importância da relação entre terapeuta e paciente dentro da realidade diária da Fisioterapia, a maioria dos alunos apontou como alcançada esta competência, sendo possível de ser adequadamente assimilada durante o Estágio. Isto é observado nos relatos dos alunos quando definiram “Estágio de Observação”, pois um número significativo de sujeitos apontou esta importância na definição, conforme segue os relatos:

Ter a possibilidade na prática de observar o que estamos tendo em sala de aula, podendo questionar os professores e alunos é muito produtivo. (sujeito 25)

Conhecer as diferentes áreas de atuação da Fisioterapia permite reconhecermos as possibilidades de relação que ocorre entre terapeuta e paciente. (sujeito 40)

Uma oportunidade onde podemos aprofundar os primeiros conhecimentos e, o melhor, já com prática, conhecendo melhor o Curso escolhido. (sujeito 28)

Importante, pois temos a oportunidade de reconhecer precocemente o ambiente profissional e todo o envolvimento do Fisioterapeuta com seu paciente, além de tomar conhecimento das patologias dos casos observados. (sujeito 43)

Interessante porque nos apresenta as opções de atuação que o Curso de Fisioterapia oferece. (sujeito 59)

Aprendemos a nos comportar diante dos diversos tipos de pacientes com que nos deparamos. Um dos maiores ganhos, além de servir como lição de vida. (sujeito 17)

Abordando ainda a relação terapêutica, os alunos relatam que há condições de reconhecer resultados nas terapias assistidas durante os Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica, porém a maior parte dos alunos fez referência negativa a este quesito, evidenciado pelo teor das suas respostas. Foi considerado pelos alunos como uma das críticas a este Estágio, pois consideram que neste começo não possuem conhecimento para entender o observado. Relatam, porém, que nesse momento a possibilidade de compreender todas estas implicações numa perspectiva de articulação da teoria com a prática depende dos envolvidos neste Estágio.

Os alunos citam, ainda, outros fatores que dificultam reconhecer o resultado nas terapias assistidas, como por exemplo, a pouca atenção por parte dos alunos do último ano durante as perguntas que lhes são feitas, a reduzida carga horária de Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica, as deficiências na mediação entre teoria e prática, e ainda, a falha na orientação dada pelos professores sobre os procedimentos do aluno dentro do Estágio, e citam:

...se fosse direcionado a estes itens daríamos mais atenção a tentar identificar mudanças durante e após os tratamentos fisioterapêuticos observados e o porquê destas mudanças. (sujeito 90)

Observei que, às vezes, o aluno do último ano que nos recebia ficava incomodado com nossa presença e acabava por não ser produtivo o nosso acompanhamento. (sujeito 75)

Acredito que quando não é exigido pelo professor o estudo não é feito. E por isso que o *feedback* muitas vezes não é produtivo. (sujeito 21)

A conversa com os alunos nos possibilitou começar a aprender os termos técnicos, termos que são utilizados nas descrições dos procedimentos fisioterapêuticos e estudos clínicos. Se eles nos recebessem com maior receptividade, nos envolveríamos mais. (sujeito 9)

Nessa citação acima está a idéia de que não se trata de conhecer por conhecer, mas de ligar o conhecimento científico a uma cognição prática, isto é, de compreender a realidade para transformá-la.

No que se refere à existência da relação entre a realidade observada nos Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica e a teoria apresentada em sala de aula, as opiniões se dividem. Aqueles que afirmam não perceber a existência dessa relação ou percebê-la apenas parcialmente justificam essa afirmação referindo que há falta de um mediador entre a teoria já apresentada e aquela trabalhada na prática, alegando ainda que as discussões sobre as observações práticas carecem de maior aprofundamento, o que dificulta a realização adequada de estudos de casos.

Assim os alunos se expressam:

Poderia ser mais explicado para os alunos do 7.º e 8.º períodos seu papel durante os acompanhamentos por nós, se explicassem o que estão fazendo como paciente seria bom. (sujeito 45)

Após a observação queria ter a possibilidade de conversar com o estagiário sobre a patologia do paciente tentando associar teoria com o que vi. (sujeito 47)

Não é discutido o atendimento e o programa de tratamento (...) falta discussão. (sujeito 49)

Uma maior orientação por parte dos professores durante toda a atividade que fosse no período do Estágio, levaria a melhorar esse programa de aprendizagem. (sujeito 66)

O professor direcionando o que estudar da patologia que o paciente que foi observado possui, permitiria fazermos estudos, associando a prática que é algo novo para nós. (sujeito 41)

Com relação às sugestões propostas pelos alunos, estes sugerem que os professores dos 1.º e 2.º períodos resgatem o conteúdo vivenciado durante o Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica como forma de relacionar a teoria apresentada em sala de aula e os conhecimentos adquiridos na prática.

Quanto à pesquisa, grande parte dos alunos que freqüentou os Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica considerou que o estímulo à pesquisa na produção do conhecimento ocorre, porém, apenas em parte. O relato de um dos alunos, relacionado à crítica sobre os Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica foi muito relevante, quando cita a “falta de interesse” dos próprios alunos como causa do reduzido envolvimento destes com a pesquisa. Como sugestão de solução a este problema, os alunos consideram que há necessidade permanentemente de maior estímulo e incentivo por parte do professor.

A estrutura dos Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica do Curso de Fisioterapia da PUCPR

Pela ótica do Professor

Nesta categoria de análise, a metodologia de avaliação, foi considerada adequada pela maioria dos professores, que aprovam a disposição dos itens de avaliação bem como suas respectivas pontuações para os Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica. No entanto, o relato de um dos professores expõe sua preocupação, quando cita que a avaliação possui itens que facilitam a obtenção da nota, dando como exemplo a valorização de três pontos em função da presença nos Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica I e II.

Também se destaca como bastante adequados o relatório de observação da prática e o trabalho escrito. Segundo os professores estes são devidamente pontuados e bem distribuídos como atividades dentro dos Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica. Além disso, a qualidade dos profissionais, as instalações e os equipamentos são citados como pontos positivos na estrutura do Estágio. Os professores assim se expressam:

Profissionais qualificados para esta tarefa, com instalações e equipamentos de última geração, são facilitadores na hora do desenvolvimento do estágio e conseqüentemente de uma avaliação. (sujeito 7)

Por outro lado, os professores apontam limites dessa estrutura com destaque para a carga horária. Em seus relatos os professores, em sua totalidade, referem a influencia da carga horária destinada aos Programas de Aprendizagem como ponto que prejudica o desenvolvimento do Estágio. Segundo eles, com duas horas/aula,

como ocorre hoje, há dificuldade para a efetivação de algumas das propostas do Programa de Aprendizagem. Eles pontuam:

Seria interessante um estudo para avaliar a possibilidade de aumento da carga horária do estágio, a fim de contribuir para o melhor desenvolvimento do mesmo. (sujeito 5)

Acho que a falha é o tempo, que é insuficiente em relação a necessidade a que se propõe o Estágio de introdução à Prática Fisioterapêutica. Quem sabe uma reformulação neste sentido. (sujeito 8)

Outro aspecto de grande relevância que os professores destacam, é a necessidade de promover o entrosamento entre os alunos de 1.º e 2.º períodos com os estudantes do último ano. É interessante notar que esta sugestão também é feita pelos alunos. Por seu turno, os alunos propõem um melhor preparo do estudante do último ano que recebe os estagiários de observação. Segundo eles, este acadêmico seria um agente facilitador para os Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica, uma vez que o bom relacionamento é condição importante para o alcance dos objetivos propostos no Programa de Aprendizagem. Nas palavras dos alunos:

Procurar aperfeiçoar o contato entre os acadêmicos 1.º e 2.º períodos com os de 7.º e 8.º períodos, para um maior produtividade enquanto estágio de observação. (sujeito 6)

Observa-se, assim, que tanto professores quanto alunos consideram esta relação entre os alunos como fundamental para o bom desenvolvimento desse Estágio de observação. De acordo com os relatos, quando ocorre esta interação criam-se condições para o aluno realizar suas interpretações pessoais e, posteriormente, com auxílio do professor que ocupa o papel de mediador durante o feedback, favorecerá avanço do processo de discussão e reflexão, sobre a prática observada pelo aluno.

Além disso, possibilita ainda condições favoráveis ao surgimento de propostas para uma nova ação diante do observado, após toda contextualização. Isso indica que, o Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica dá um salto de qualidade, não sendo apenas um local propício a manifestação do observar o agir e do pensar a ação, ou seja, não se constitui apenas em um movimento de idéias, mas idéias em movimento buscando construir o conhecimento, mediado pela problematização da realidade e pela dimensão criadora que a unidade entre teoria e prática propiciam.

Pela ótica do Aluno

Dentro da categoria estrutura dos Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica, a análise das respostas quanto à explicitação do que deveriam desenvolver nos Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica foi considerado por boa parte dos alunos razoavelmente explicitado, sendo que nenhum aluno relatou que não foi explicitado. Destaca-se, contudo, a queixa de oito alunos, que citaram a falta de orientação, por parte dos professores, dos procedimentos que deveriam ser desenvolvidos. Relatam também que houve condição para elaboração dos relatórios de observação, que foi confirmado pela maior parte das respostas. Somente uma minoria respondeu negativamente a esta questão e, dentre os alunos que assim o fizeram, alguns deles referem que era dado maior importância ao relato descritivo da estrutura física do local do que ao relato sobre as relações entre os sujeitos e os conteúdos observados.

Nesse sentido, as críticas que os alunos fizeram são pertinentes, pois acreditam que esta falha em relação ao pouco direcionamento à patologia restringe a discussão com o professor, não possibilitando o estudo de caso durante o

feedback. Todas essas observações são contempladas nas sugestões que os alunos fazem como proposta para o melhoramento do Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica. Eles destacam a necessidade do professor apresentar maiores esclarecimentos acerca dos procedimentos a serem realizados nos Estágios, além da necessidade de maior envolvimento do professor com os alunos durante as observações.

Outra sugestão feita pelos alunos contempla o aumento da carga horária, com várias justificativas:

Melhor esclarecimento da aplicação Fisioterapêutica, como por exemplo, o programa de tratamento, e para isto necessita de mais tempo de observação. (sujeito 16)

O acompanhamento deveria ser feito mais vezes e não apenas uma vez, pois assim pode ser observada a evolução do paciente, só que para isto é necessário mais horas de estágio. (sujeito 32)

Aumentar o período de estágio para conviver dia após dia de tratamento e observar os resultados nos pacientes. (sujeitos 58)

Acompanhar mais de um atendimento para conhecer melhor a rotina dos locais... (sujeito 7)

O relato de maior significância encontrado nas críticas que os alunos fizeram ao Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica, diz respeito a uma certa resistência, observada pelos alunos do 1.º e 2.º períodos, por parte dos alunos do último ano, que se traduz, segundo eles, pela falta de atenção e pela pouca explicitação do que está sendo realizado durante a terapia.

Essa queixa dos alunos mostra a importância do ambiente no qual se desenvolve o Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica no sentido de favorecer a troca de experiências tendo em vista o crescimento pessoal. Neste espaço não deve haver barreiras entre as pessoas para que elas possam interagir, trocar conhecimentos e experiências, deve sim, haver humildade diante da limitação

do próprio saber. O Estágio deve ser visto como oportunidade de envolvimento e comprometimento com a busca do conhecimento, um espaço no qual os alunos possam ampliar seus conhecimentos perguntando, duvidando, dialogando consigo mesmo e com o colega. Trata-se, portanto, de um modo de proceder intelectualmente, de uma prática de trabalho científico, de construção coletiva do conhecimento.

Naturalmente é preciso que o professor, sempre que necessário, como afirma Cimadon (1998, p.37) incentive

observações, leituras e pesquisas, para que o aluno compreenda melhor os problemas e situações que o envolvem, ou seja, adquira experiências, entendendo-se por experiência "o conhecimento adquirido pelo indivíduo nas suas relações com o mundo, através de suas percepções e vivências específicas"

Esta é uma das opções experimentais que habilita o aluno ao conhecimento e, portanto, ao confronto de idéias com o colega e com o professor no contexto de uma situação real, procedimentos estes que são síntese da ação dialógica no Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica.

A sistematização e análise dos dados levantados sob a ótica dos professores e alunos permitiu, assim, que se pudesse verificar o impacto dos Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica do Curso de Fisioterapia da PUCPR, seus avanços, limites e necessidades de novas ações. Esses pontos serão tratados, à guisa de conclusão desse estudo, a seguir:

A GUIA DE CONCLUSÃO

Minha inserção como docente no processo de implantação do Projeto Pedagógico na PUCPR, especialmente nos Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica, permitiu retirar algumas lições e ao mesmo tempo levantar questionamentos que me estimularam a investigar o impacto deste novo modelo na formação do fisioterapeuta.

Assim, desenvolvi junto aos professores-supervisores deste Estágio e aos alunos que estavam cursando o oitavo período do Curso de Fisioterapia da PUCPR em 2003 e que foram os primeiros alunos a cursarem os Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica, uma pesquisa qualitativa procurando levantar, de acordo com a ótica dos professores e alunos, elementos que permitissem avaliar o impacto dessas mudanças na estrutura do Curso para a formação do fisioterapeuta, suas possibilidades e limites.

A mudança do projeto pedagógico na PUCPR promoveu uma visão diferente em relação ao ensino e à aprendizagem. Considerando estas alterações, esse estudo procura explicitar quais as concepções de teoria-prática que orientam essa nova proposta. E, o que a inclusão deste Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica representa para o Estágio Supervisionado que ocorre nos últimos períodos do Curso.

Desta forma, pela via da pesquisa qualitativa, modalidade Estudo de Caso, realizei este estudo que veio a permitir a aproximação e o distanciamento necessários à análise e compreensão dos determinantes da prática desenvolvida nestes Estágios. O levantamento dos dados, realizado junto aos sujeitos da pesquisa, indicaram três categorias de análise que facilitaram a organização dos dados, análise e sistematização do conhecimento, tendo em vista o objetivo deste estudo. São elas: Estágio como exercício de iniciação acadêmico profissional; Estágio como caminho de articulação teoria e prática; e a estrutura do Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica.

No que diz respeito à categoria *Estágio como exercício de iniciação acadêmico profissional*, o estudo revela que essa modalidade de estágio promove um maior contato com os profissionais da área de saúde nas diversas áreas da Fisioterapia, permitindo, desde o início do Curso, o conhecimento da futura prática profissional e elaboração do perfil profissional. Além disso, favorece o entendimento da relação terapeuta-paciente dentro de uma visão prática em um processo de reflexão sobre e a partir da prática junto ao campo futuro de trabalho.

Ainda nessa categoria, outro aspecto importante é o envolvimento do grupo como um todo favorecendo a sistematização coletiva do conhecimento, necessário à compreensão dos problemas postos pela prática. Isto coloca o aluno na condição de sujeito ativo no local de estágio, permitindo que ocorra um envolvimento com a sistemática e a dinâmica correspondente de cada local de estágio. O que se constitui em benefício à formação do discente, uma vez que o prepara para o Estágio Supervisionado do último ano.

Já a categoria *Estágio como caminho de articulação teoria e prática*, destacam-se três fatores importantes, quais sejam, a construção de um referencial

acadêmico a partir de um contexto prático; o desenvolvimento da autonomia de criação e pesquisa contínuas; e a possibilidade de reconhecer resultados nas terapias observadas. Dessa forma, o aluno, num processo de análise e reflexão em torno das experiências vivenciadas no Estágio tem a possibilidade de transformar as informações em conhecimentos organizados dentro de um contexto.

No que se refere à categoria *estrutura do Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica*, verifica-se a importância dos processos de avaliação, considerados adequados tanto para professores como para os alunos; a necessidade de tornar explícitas as funções específicas dos estagiários durante o estágio, nem sempre claramente definidas nos Programas de Aprendizagens. A adequação dos espaços físicos, instrumentos e profissionais qualificados, porém com carga horária baixa para a proposta do Programa. Destaca-se, ainda, a importância dos relatórios de estágio como instrumento de sistematização das atividades ali desenvolvidas, favorecendo a avaliação do processo tanto por parte do professor como pelos alunos.

Este estudo, ao se propor a investigar o impacto dos Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica, na formação do profissional fisioterapeuta, partiu do pressuposto de que esse Estágio se constitui em um espaço no qual professor e aluno têm a possibilidade de uma relação dialógica, um fator grande importância para a realização de um processo de ensino na perspectiva da sistematização coletiva do conhecimento. Obtendo resultado positivo quando há criação de uma atitude questionadora, de busca, de inquietação por parte do aluno tendo o professor como mediador destes processos de aprender e pesquisar.

Na busca de interlocução com autores preocupados em investigar a Universidade nos seus processos de ensino, encontrei Veiga (2000, p.177) que

desenvolveu uma pesquisa junto aos professores que ministravam suas disciplinas em espaços não convencionais da sala de aula. O estudo revelou que houve o favorecimento da troca de experiências “como uma das possibilidades de reconfiguração dos saberes, porquanto valoriza as práticas de seus alunos como ponto de partida, implicando novas relações com o conhecimento”.

Consoante com essa possibilidade verificada por Veiga, também a presente pesquisa aponta que o contato com a prática profissional desde os períodos iniciais tem favorecido novas relações professor-alunos-conhecimento numa perspectiva mais reflexiva e coletiva. Nos depoimentos dos alunos é possível perceber a presença dessa nova concepção de ensino quando eles relatam que houve o incentivo à pesquisa e ao desenvolvimento do conhecimento na medida em que foi possível entender o “porquê” da necessidade de determinado tema. Desta maneira, o tema se torna imediatamente significativa para o aluno. Os resultados encontrados no desenvolvimento do estudo demonstraram que a discussão de temas ancorados no contexto abordado propicia a ação reflexiva, ultrapassando a mera transmissão de informações ainda tão usual nos meios acadêmicos. Nesse novo modelo, o aluno tem a oportunidade de estar observando a realidade e, ao mesmo tempo, vivenciando a realidade da situação a ser compreendida.

Vale lembrar que o Manual de Estágio do Curso de Fisioterapia da PUCPR assim se refere ao Estágio (2003, p.8)

momento privilegiado de relacionar dinamicamente teoria e prática, não no sentido de aplicação da teoria, mas sim como momento em que a indissociabilidade teoria-prática assume seu caráter mais explícito, pois o estudo dos fenômenos no contexto em que estes ocorrem favorece a sua compreensão.

Nessa perspectiva, rompe-se o eixo transmissão/assimilação, não se trata de falar sobre, mas de vivenciar e refletir com. Nesse processo, o aluno aprende fazendo, refletindo e sistematizando de forma coletiva o conhecimento. Isto mediante um processo pelo qual ele possa analisar sua própria prática, buscando a compreensão do cotidiano do seu fazer como Fisioterapeuta, numa perspectiva de totalidade, uma vez que as implicações presentes nesse estágio são captadas como movimento de reflexão sobre a sua futura profissão.

Nesse sentido os Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica podem ser concebidos como espaço de integração e conhecimento do aluno com a realidade social e econômica, sendo instrumento de iniciação à pesquisa e à aprendizagem e, por meio das práticas vivenciadas/observadas, ser também instrumento de formação profissional, com vistas à formação do profissional cidadão na construção de um mundo com melhor qualidade de vida, justo e fraterno.

Um profissional consciente de seu papel docente dando uma dimensão bem mais ampla do que apenas o contato do aluno com a prática em estágio, foi observado como sendo uma forma de se avançar a Educação, no desafio da busca de novas alternativas que contemplem a nova concepção de mundo, de sociedade e de homem.

Dentre as várias implicações que foram descobertas com esta pesquisa sobre os Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica, muitas delas foram citadas tanto pelos professores quanto pelos alunos, refletindo assim uma consonância de concepções. Sendo uma das implicações de maior relevância tanto para os professores como para os alunos, a oportunidade primeira de reconhecer e iniciar a construção da identidade profissional por parte do aluno, como também a possibilidade de conhecer diversas áreas de atuação da Fisioterapia. Nesta

perspectiva, com uma estreita relação do ensino com o trabalho, são propiciadas condições essenciais para a superação de concepções dicotômicas sobre a relação teoria-prática.

A proposta de integração teórico-prática trata da articulação do ensino e do trabalho sob a forma de Estágios, no sentido de formar o futuro profissional na prática desde o início do Curso, no contato direto com o local de atuação profissional, promovendo uma formação com qualidade no sentido de preparar o futuro profissional com potencial crítico e criativo consoante às exigências do mundo moderno.

Outra consideração levantada tanto por professores como por alunos, em relação aos Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica, é a possibilidade de vivenciar, mesmo que observando, a relação entre terapeuta e paciente, entre estagiário e supervisor (relação estabelecida no último ano do Curso durante o Estágio Supervisionado), o que leva o aluno a construir seu referencial quanto ao seu papel como futuro profissional. O Estágio nesta concepção é, pois, um espaço de reflexão, impedindo a ocorrência de inércia e da rotina didática. A observação seguida de estudo e discussão sobre as terapias observadas são mais provocativas do que uma aula expositiva, por exemplo, e assim, o aluno assume compromissos próprios do profissional, o que certamente contribui para a formação do futuro fisioterapeuta.

É possível que exista a possibilidade de uma alavanca na produção do conhecimento, quando o professor acredita que na relação discente-docente é importante o estabelecimento do diálogo para desenvolver o processo ensino-aprendizagem, e ainda, quando aposta na convivência acadêmica entre os alunos como um ponto facilitador no contato com a pesquisa e na troca de experiências.

Porém, um dos pontos que aflige tanto alunos como professores é a forma pela qual este relacionamento vem estabelecendo-se nos Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica.

Sendo estabelecido por parte dos professores como uma das sugestões, um esclarecimento prévio aos alunos dos últimos anos a importância do Estágio de Observação nos anos iniciais do Curso e o papel importante deles neste processo, com o objetivo de melhorar a qualidade destes Programas de Aprendizagem e permitir que sua proposta seja desenvolvida. Pode-se observar que muitos dos alunos que participaram como sujeitos desta pesquisa, apontam que o reduzido interesse por parte dos alunos dos últimos anos, pode ser um dos fatores que dificultou o reconhecimento de resultados das terapias observadas, pois sendo eles – os alunos do último ano – mediadores diretos nesta prática, seu envolvimento e interesse é fator fundamental para o desenvolvimento da observação com subsídios suficientes para continuidade da proposta de estudo.

Somado a isto, os alunos apontam também um limite na mediação do processo feito pelo professor, que nem sempre cumpre seu papel como norteador dos alunos. Este fato também é apontado pelos alunos como dificuldade para o reconhecimento dos resultados nas terapias observadas. Acresce-se a isso a baixa carga horária, que não permite ao aluno tempo suficiente para tal observação a ponto de conseguir reconhecer mudanças e resultados nas terapia observadas.

Assim, os alunos sugerem que além do aumento da carga horária do estágio, o relatório (que registra os dados coletados durante as observações) deveria ser a base para um estudo de caso, propiciando uma discussão sobre a patologia e o programa de tratamento do paciente observado, sendo a correlação entre estes tópicos facilitados pelo professor como mediador do aprendizado. Nesse sentido,

observa-se que o aluno percebe, de fato, a riqueza destes estágios introdutórios e vai além, reivindicando melhorias por meio de suas sugestões.

Enfim, esse estudo mostra que os Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica podem ser considerados como uma mudança qualitativa do ensino dentro do Curso de Fisioterapia da PUCPR, constituindo-se em uma proposta que vai ao encontro das mudanças que os tempos modernos vem exigindo. Principalmente quanto à forma como esta estrutura Estágio, no início do Curso, está funcionando.

Esta pesquisa ofereceu dados significativos sobre a realidade concreta do cotidiano dos Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica, e, os que vivem este processo são pessoas privilegiadas, que promovem a mudança e que, ao mesmo tempo, são frutos de mudanças. As implicações que surgiram são pertinentes, e passaram a ser questionadas e discutidas por sua relevância dentro deste processo de implantação do Projeto Pedagógico da PUCPR.

Nos relatos dos sujeitos desta pesquisa, professores e alunos dos Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica, fica clara a necessidade de uma carga horária maior, o que solucionaria problemas como tempo suficiente para o convívio com profissionais das outras áreas e para acompanhar a evolução dos pacientes. Sugerem, ainda, o esclarecimento aos alunos do último ano de seu importante papel nesse processo inicial de conhecimento das diversas áreas de atuação da Fisioterapia, bem como o conhecimento do papel de terapeuta-estagiário e toda sua inter-relação com este ambiente profissional, sob uma nova relação estagiário-supervisor dentro de um contexto de maior complexidade.

Quanto ao papel do professor como mediador do processo de ensino e aprendizagem, os resultados da pesquisa sugerem uma maior exigência quanto à

estruturação das atividades desenvolvidas em campo de estágio a fim de permitir a realização de estudos de caso com um envolvimento mais aprofundado, incluindo termos técnicos e discussões produtivas. Além de uma maior articulação em prática da teoria que está sendo trabalhada neste momento inicial, pois o incentivo à pesquisa existe e o direcionamento também. Desta forma, o impacto quanto à implantação e ao processo de andamento destes Estágios revelam pontos positivos e pontos a serem melhorados, uma vez que, conforme se observou pelo envolvimento das duas partes, tanto aluno quanto professor, estão direcionando estes Estágios ao crescimento, em termos de qualidade, para a formação do profissional Fisioterapeuta da PUCPR.

Acerca da concepção da relação teoria-prática, esse estudo revela que tanto na percepção dos professores como na dos alunos, ainda prevalece uma concepção dicotomizada. No entanto, não obstante esse entendimento da relação teoria-prática, muitas vezes contraditório com a proposição do projeto pedagógico do curso, a prática nesse programa de aprendizagem indica avanços na direção de se realizar um trabalho articulado de problematização da prática fisioterapêutica nos locais de trabalho com vistas à sistematização de conhecimentos que possam superar os problemas postos por essa prática.

Ao fazer uma reflexão sobre esta pesquisa, percebo que há uma necessidade inquestionável de dar continuidade ao estudo em busca do objetivo primordial que é o da excelência na formação do nosso aluno. Este foi um primeiro passo, porém, em outros momentos do Curso a prática está sendo vivenciada nesta perspectiva de uma articulação entre teoria e prática e como o processo esta em curso, isso faz surgir questionamentos que posteriormente podem estimular futuras pesquisas.

Com este estudo observei que ainda existe uma relação dicotômica quanto teoria e prática, contudo apontou também alguns aspectos positivos desta relação. Desta forma, novas pesquisas sobre este tema seriam de grande valia, como forma de contribuir na formação de qualidade dos discentes.

REFERÊNCIAS

- ANASTASIOU, L.G.C. & ALVES, L.P. (orgs.) **Processos de ensinagem na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula**. Joinville: Univille, 2003.
- BEHRENS, M.A. **Formação continuada dos professores e a prática pedagógica**. Curitiba: Champagnat, 1996.
- BEHRENS, M.A. **A aprendizagem colaborativa num paradigma emergente**. In: BEHRENS, M.; MASETTO, M.; MORAN, J.M. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2000.
- BOTOMÉ, S.P. et al. **Diretrizes internas para implantação dos projetos da PUCPR para no ano 2000**. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. 1999 (mimeo).
- _____. **Diretrizes para o ensino de graduação: o projeto pedagógico da Pontifícia Universidade Católica do Paraná**. Curitiba: Champagnat, 2000.
- BRASIL. **Parecer n.º CNE/CES 1210/2001**. Regulamenta as Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Fisioterapia.
- BURIOLLA, M.A.F. **O estágio supervisionado**. São Paulo: Cortez, 1999.
- CANDAU, V.M. (org.) **Rumo a nova didática**. Petrópolis: Vozes, 1988.
- CASTANHO, S.E.M. A universidade entre o sim, o não e o talvez. In: VEIGA, I.P.A. & CASTANHO, M.E.L.M. (orgs.) **Pedagogia universitária: a aula em foco**. Campinas: Papirus, 2000.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.
- CIMADON, A. **Ensino e aprendizagem na universidade: um roteiro de estudos**. Joaçaba: IRAE/UNOESC, 1998.
- DEMO, P. **Crise dos paradigmas da educação superior**. Educação Brasileira. CRUB, v. 16, n. 32, 1994.
- _____. **A avaliação sob o olhar propedêutico**. Campinas: Papirus, 1996.

- _____. **Educação e desenvolvimento**. Campinas: Papirus, 1999.
- FÁVERO, M.L.A. Universidade e estágio curricular: subsídios para discussão. In: Alves, N. (org.) **Formação de Professores: pensar e fazer**. São Paulo: Cortez, 1996.
- FERREIRA, A.B.H. **Minidicionário Aurélio**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- FREITAS, L.C. **Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática**. Campinas: Papirus, 1995.
- JULIATTO, C.I. **Novas perspectivas em administração escolar**. Congresso Marista, Curitiba, 1996 (mimeo).
- _____. **A educação na PUCPR a serviço da vida e do futuro**. Curitiba, 1998 (mimeo).
- KIRK, Grayson. **The university in contemporary society**. In Lehrer, Stanley. *Leaders, teachers and learners in Academe*. New York: Appleton – Century- Crofts, 1970.
- KULCZYCKI, M.M. **O estágio supervisionado do curso de fisioterapia da PUCPR: um estudo para o seu aperfeiçoamento nas diferentes áreas de atuação**. 2002. 105 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de Paraná, Curitiba, 2002.
- LIBÂNEO, J.C. **Adeus professor, adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente**. São Paulo: Cortez, 1998.
- LOPES, A.O. Aula expositiva: superando o tradicional. In: Veiga, I. **Técnicas de ensino: por que não?** Campinas: Papirus, 1995.
- LÜDKE, M. & ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- MARTINS, P.L.O. A relação conteúdo-forma: expressão das contradições da prática pedagógica na escola capitalista. In VEIGA, Ilma P. Alencastro (org.) **Didática: o ensino e suas relações**. 2.^a ed..Campinas: Papirus, 1997.
- MIZUKAMI, M.G.N. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 1986.
- OTTONE, E. **Educação brasileira CRUB**, v. 14, n. 28, jan./jul. 1992.

PIMENTA, S.G. **O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática?** São Paulo: Cortez, 1994.

PIMENTEL, M.G. **O professor em construção.** Campinas: Papirus, 1996.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ. **Disposições sobre estágio.** Curitiba: PUCPR.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ. **Manual de estágio curricular do Curso de fisioterapia.** Curitiba: PUCPR, 2003.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ. **Manual do Curso de fisioterapia.** Curitiba: PUCPR, 1999.

REBELATTO, J.R.; BOTOMÉ, S.P. **Fisioterapia no brasil: perspectivas de evolução como campo profissional e como área de conhecimento.** São Paulo: Manole, 1987.

ROESE, Mauro. A metodologia do estudo de caso. **Cadernos de Sociologia.** Porto Alegre: V. 9, p. 188-200, 1998.

SALGADO, J. **Os estágios e o processo de construção da ética e da cidadania.** In: ANAIS II Encontro Estadual de Estágios de 16 e 17 de setembro de 1993. Curitiba: UFPR/Coordenadoria Geral de Estágios, 1993.

SANTOS, B.S. **Um discurso sobre as ciências.** Porto, Portugal: Afrontamento, 1987, 2001.

SEVERINO, A.J. **A formação profissional do educador: pressupostos filosóficos e implicações curriculares.** ANDE. São Paulo, n.17, 1991.

SUZUKI, K.T. **A formação pedagógica de supervisores em nível superior para o estágio do curso de fisioterapia.** 2001. 98 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2001.

TRELBA, C.S. & SANTOS, R.B. A comunidade como sala de aula: experiência de nove anos do curso de fisioterapia em um projeto multiprofissional e interdisciplinar. **Fisioterapia em movimento**, Curitiba, v.16, n.1, p.41-46, jan./mar. 2003.

UNESCO. Declaração Mundial sobre Educação Superior no Século XXI: visão e ação. Paris, 1998. Trad. **Amos Nascimento.** Piracicaba: Editora Unimep, 1998.

_____. La UNESCO frente al Cambio de la Educación Superior en América Latina y el Caribe. CRESALC - Centro Regional de Ensino Superior da América Latina e Caribe. Caracas: UNESCO, 1996.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, Coordenadoria Geral de Estágios. **O sentido do estágio na formação profissional**. Cadernos de Estágio n. 3. Curitiba, 1990.

VASCONSELOS, M.L.M. **A formação do Professor do ensino superior**. São Paulo: Pioneira, 2000.

VÁSQUES, A.S. **Filosofia da práxis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

VEIGA, I.P.A. et al. Aula universitária e inovação. In: VEIGA, I.P.A. & CASTANHO, M.E.L.M. (orgs.) **Pedagogia universitária: a aula em foco**. Campinas: Papirus, 2000.

VEIGA, I.P.A. Projeto político-pedagógico da escola: uma construção coletiva. In: VEIGA, I.P.A. & FONSECA, M. (orgs.) **As dimensões do projeto político-pedagógico**. Campinas: Papirus, 2001.

ZAINKO, M.A.S. A Universidade do Século XXI e a formação dos professores. Apresentado no seminário a formação do professor para o século XXI, Goiania, 1995, mimeo.

**ANEXO 1 – Contrato Didático do Estágio de Introdução à Prática
Fisioterapêutica I**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
CURSO DE FISIOTERAPIA
ESCALA DE ESTÁGIO – 1.º PERÍODO**

LOCAIS: 4ª feiras

- Associação dos Deficientes Físicos do Paraná – R. XV de Novembro, 2765
Resp. Profa. Eliani
- Clínica de Fisioterapia
Resp. Profa. Juliana
- Hospital Infantil Pequeno Príncipe – Dez. Motta, 1070
Resp. Prof. Pedro
- Hospital Universitário Cajuru – Av. São José, 300
Resp. Prof. Roberto
- Pequeno Cotelengo do Paraná – R. José Gonçalves Júnior, 140
Resp. Profa. Cristiane

DATAS	ADFP	CLÍNICA	H.I.P.P	H.U.C.	P.COTOL.
06/03 13/03 20/03	A1	A2	A3	A4	A5
27/03 03/04 10/04	A5	A1	A2	A3	A4
17/04 24/04 08/05	A4	A5	A1	A2	A3
15/05 22/05 29/05	A3	A4	A5	A1	A2
05/06 12/06 19/06	A2	A3	A4	A5	A1

PROCEDIMENTOS DE AVALIAÇÃO

1.º PERÍODO

1. **Frequência:** 100% - 3,0 pontos
50% - 1,5 pontos
2. **Trabalho Teórico:** 2,0 pontos
3. **Relatório:** 1,5 pontos
4. **Discussão e Feedback em grupo:** 3,5 pontos

ORIENTAÇÕES

- 1) Os estagiários deverão estar devidamente uniformizados, fazendo uso de branco, jaleco e com crachá da universidade. O Pequeno Cotelengo do Paraná faz-se necessário uso do jaleco e crachá.
- 2) O início do estágio será às 8 horas, exceto no Hospital Cajuru que iniciará às 7:30 horas. Neste local os alunos deverão aguardar o supervisor na recepção central do hospital. Os demais locais, no setor de fisioterapia.
- 3) Evitar levar ao setor de estágio material desnecessário. Alguns setores não apresentam local apropriado para guardar pertences.
- 4) Seguir orientações do supervisor quanto ao término do estágio.
- 5) O estágio do 1º ano que corresponde ao 1º período e 2º período não há calendário de reposição.
- 6) Deve o aluno-estagiário apresentar comportamento ético nos locais de estágio.

TEMAS DE ESTUDO – 1.º PERÍODO

A.D.F.P – Paraplegia e Hemiplegia (conceitos e causas)

CLÍNICA – Avaliação

H.I.P.P – Áreas de Atuação Fisioterapêutica Hospitalar em Pediatria

H.U.C. – Reabilitação e Equipe Multidisciplinar

Pequeno Cotelengo – Paralisia Cerebral e Método Bobath (conceitos)

**ANEXO 2 – Contrato Didático do Estágio de Introdução à Prática
Fisioterapêutica II**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
CURSO DE FISIOTERAPIA
ESCALA DE ESTÁGIO – 2.º PERÍODO**

LOCAIS: 2ª Feiras

- Associação dos Deficientes Físicos do Paraná – R. XV de Novembro, 2765
Resp. Profa. Liliana
- Clínica de Fisioterapia PUCPR
Resp. Profa. Marcia
- Hospital Infantil Pequeno Príncipe – Dez. Motta, 1070
Resp. Prof. Maria Leonor
- Hospital Universitário Cajuru – Av. São José, 300
Resp. Prof. Roberto
- Pequeno Cotelengo do Paraná – R. José Gonçalves Júnior, 140
Resp. Prof. Maria Laura

DATAS	ADFP	CLÍNICA	H.I.P.P	H.U.C.	P.COTOL.
05/08 12/08 19/08	B1	B2	B3	B4	B5
26/08 02/09 09/09	B5	B1	B2	B3	B4
16/09 23/09 30/09	B4	B5	B1	B2	B3
07/10 21/10 28/10	B3	B4	B5	B1	B2
04/11 11/11 18/11	B2	B3	B4	B5	B1

PROCEDIMENTOS DE AVALIAÇÃO

2.º período

1. **Freqüência:** 100% - 3,0 pontos
50% - 1,5 pontos
2. **Trabalho Teórico:** 3,5 pontos
3. **Discussão e Feedback em grupo:** 3,5 pontos

ORIENTAÇÕES

1. Os estagiários deverão estar devidamente uniformizados, fazendo uso de branco, jaleco e com crachá da universidade. O Pequeno Cotelengo do Paraná faz-se necessário uso do jaleco e crachá.
1. O início do estágio será às 8 horas, exceto no Hospital Cajuru que iniciará às 7:30 horas. Neste local os alunos deverão aguardar o supervisor na recepção central do hospital. Os demais locais, no setor de fisioterapia.
2. Evitar levar ao setor de estágio material desnecessário. Alguns setores não apresentam local apropriado para guardar pertences.
3. Seguir orientações do supervisor quanto ao término do estágio.
4. O estágio do 1º ano que corresponde ao 1º período e 2º período não há calendário de reposição.
6. Deve o aluno-estagiário apresentar comportamento ético nos locais de estágio.

TEMAS DE ESTUDO

CLÍNICA

- Assunto: Avaliação de comprimento muscular
- Programas de Aprendizagem: Cinesiologia e BMTA
- Pesquisa: Prova de comprimento muscular

1. Grande Dorsal
2. Peitoral Maior
3. Isquiotibiais
4. Tríceps Sural

ADFP

- Assunto: Exame sensório-motor
 - Programas de Aprendizagem: Neuroanatomia e fisiologia
 - Pesquisa: Nível Neurológico
1. Dermátomos
 2. Reflexos : bicipital, tricipital, patelar, bráquio-radial e aquileu

COTOLENGO

- Assunto: Reflexos (potencial e ação)
- Programas de Aprendizagem: Cinesiologia e BMTA
- Pesquisa: Reflexo monossináptico

HOSPITAL INFANTIL PEQUENO PRÍNCIPE

- Assunto: Técnicas de Ausculta
- Programas de Aprendizagem: Anatomia e BMTA
- Pesquisa: Técnicas de Ausculta

HOSPITAL CAJURU

- Assunto: Anatomia/fisiologia articular
- Programas de Aprendizagem: Anatomia / Fisiologia / BMTA
- Pesquisa: Tipos de articulações

**ANEXO 3 – Questionário Professor
Estudo Exploratório**

1. Do seu ponto de vista, qual o benefício que o Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica à formação profissional do fisioterapeuta?

2. Do seu ponto de vista, este Estágio de Introdução auxiliará de alguma forma o Estágio Supervisionado no último ano?

()sim ()não

3. Em caso afirmativo, qual é este benefício?

4. Diante das competências e habilidades, que os alunos devem desenvolver nos Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica, você considera que estas são desenvolvidas?

()sim ()não

5. Em caso afirmativo qual a relevância para o Estágio Supervisionado dos últimos períodos?

6. Em relação à metodologia de avaliação do Estágio de Introdução à Prática fisioterapêutica, você considera:

- adequada
 apresentado falhas
 inadequada

7. Justifique a resposta anterior:

8. Você acha necessário aperfeiçoar o Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica?

- sim não

9. Quais suas sugestões para aperfeiçoar o Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica?

ANEXO 4 – Questionário Professor

1. Do seu ponto de vista, qual o benefício que o Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica à formação profissional do fisioterapeuta?

2. Do seu ponto de vista, este Estágio de Introdução auxiliará de alguma forma o Estágio Supervisionado no último ano?

() sim () não

3. Em caso afirmativo, qual é este benefício?

4. Diante das competências e habilidades, que os alunos devem desenvolver nos Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica, você considera que estas são desenvolvidas?

() sim () não

5. Em caso afirmativo qual a relevância para o Estágio Supervisionado dos últimos períodos?

6. Em relação à metodologia de avaliação do Estágio de Introdução à Prática fisioterapêutica, você considera:

- adequada
 apresentado falhas
 inadequada

7. Justifique a resposta anterior:

8. Você acha necessário aperfeiçoar o Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica?

- sim não

9. Quais suas sugestões para aperfeiçoar o Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica?

10. Por favor, indique as referências que seus alunos podem utilizar quando realizam as pesquisas neste PA:

1. _____

2. _____

3. _____

ANEXO 5 – Questionário Aluno

5. Para você, estágio de observação é _____

2. Quanto à explicitação do que se deveria desenvolver nos Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica, você considera que:

- foi claramente explicitado
- foi razoavelmente explicitado
- foi insatisfatoriamente explicitado
- não foi explicitado

3. Foi possível reconhecer a importância do relacionamento terapeuta/paciente nos Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica?

- sim não

4. Foi possível reconhecer resultados nas terapias assistidas durante os Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica?

- sim não

5. Há relação entre a teoria aprendida na sala de aula com a realidade observada nos Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica?

- sim não

6. Foi possível conhecer diferentes campos de atuação da Fisioterapia?

- sim não

7. Foi possível reconhecer a interação com demais profissionais atuantes na equipe do setor observado?

- sim não

8. Houve condições para a elaboração dos relatórios de observação de estágio, solicitado pelo professor?

- sim não

9. Nos Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica existe o estímulo à produção de conhecimento?

- sim não em parte

10. Nos Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica existe o estímulo à pesquisa?

() sim

() não

() em parte

11. Se tivesse que fazer duas críticas aos Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica quais seriam?

12. Quais sugestões que você considera importante para melhorar o aproveitamento dos Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica?

ANEXO 6 – Carta Explicativa ao Professor

Prezado(a) Professor (a),

O objetivo deste questionário é reconhecer quais as contribuições do estágio de observação. Os dados levantados, depois de analisados, farão parte da pesquisa que está sendo desenvolvida junto ao Mestrado em Educação da PUCPR sob o título **“O Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica do Curso de Fisioterapia da PUCPR: uma aprendizagem contextualizada na fase pré-prática (Estudo de Caso)”**.

Contando com sua colaboração, solicitamos o preenchimento do mesmo e agradecemos antecipadamente sua contribuição.

Certa de sua atenção para auxiliar na melhoria do Curso de Fisioterapia da PUCPR agradeço antecipadamente.

Atenciosamente,

Prof^ª. Juliana Linhares

ANEXO 7 – Carta Explicativa ao Aluno

Prezado(a) Aluno (a),

Para o desenvolvimento de pesquisa junto ao Mestrado em Educação da PUCPR sob o título **“O Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica do Curso de Fisioterapia da PUCPR: uma aprendizagem contextualizada na fase pré-prática (Estudo de Caso)”**, solicito sua colaboração no sentido de responder ao questionário em anexo.

Este questionário faz parte de um estudo piloto, que fornecerá informações para esclarecer certas percepções da pesquisadora.

Certa de sua atenção para auxiliar na melhoria do Curso de Fisioterapia da PUCPR agradeço antecipadamente.

Atenciosamente,

Prof^a. Juliana Linhares

ANEXO 8 – Tabelas dos Dados Coletados com os Professores

1.^a Pergunta: Do seu ponto de vista, qual o benefício que o Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica traz à formação profissional do fisioterapeuta?

Tabela 1. Respostas dos professores à questão n.º1

Teor das respostas dos professores	N.º de Respostas
Possibilita o contato com os profissionais da área da saúde	5
Promove maior contato dos alunos com os pacientes	3
Aproxima o acadêmico da realidade profissional	2
Oportuniza o contato direto com a prática profissional o que lhe permite avaliar ou mesmo reavaliar sua opção profissional	2
Possibilita despertar a importância da relação teoria-prática no início do Curso	1
Possibilita direcionar o aprendizado nos anos que antecedem ao Estágio Supervisionado	1
Permite melhor aproveitamento do aluno em sala de aula	1
Contribui para elaboração do perfil profissional	1

Fonte: dados da pesquisa

2.^a Pergunta: Do seu ponto de vista, o Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica traz benefício ao Estágio Supervisionado no último ano?

Tabela 2. RESPOSTA DOS PROFESSORES À QUESTÃO N.º2

Teor das respostas dos professores	N.º de Respostas
Sim	8
Não	0

Fonte: os dados da pesquisa

3.^a Pergunta: Em caso afirmativo, qual é este benefício?

Tabela 3. RESPOSTAS DOS PROFESSORES À QUESTÃO N.º 3

Teor das respostas dos professores	N.º de Respostas
Possibilidade de maior preparo para o Estágio Supervisionado de último ano	3
Oportuniza o primeiro contato com a realidade profissional	3
Conhecer o local e a sistemática correspondente	3
Possibilidade de associação da teoria e prática desde o início da formação	1
Possibilidade de observar e fazer considerações sobre determinadas situações da prática	1
Contato inicial com o perfil do paciente e das patologias mais freqüentes do seu futuro local de Estágio	1
Conhecimento das diferentes áreas de atuação	1
Conhecer as áreas de atuação da fisioterapia	1

Fonte: os dados da pesquisa

4.^a Pergunta: Diante das competências e habilidades que os alunos devem desenvolver nos Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica, você considera que estas são desenvolvidas?

TABELA 4. RESPOSTAS DOS PROFESSORES À QUESTÃO N.º 4

Teor das respostas dos professores	N.º de Respostas
Sim	7
Não	0
Parcialmente	1
Não Respondeu	1

Fonte: os dados da pesquisa

5.^a Pergunta: Em caso afirmativo qual a relevância para o Estágio Supervisionado dos últimos períodos?

TABELA 5. PESPOSTAS DOS PROFESSORES À QUESTÃO N.º 5

Teor das respostas dos professores	N.º de Respostas
Conhecer diferentes campos de atuação	7
Desenvolver pesquisa relacionadas as práticas observadas	7
Reconhecer a importância do relacionamento terapeuta/paciente	7
Elaborar relatórios de observação	7
Reconhecer interação com demais profissionais atuantes na equipe do setor	6
Reconhecer resultados nas terapias assistidas	6

Fonte: os dados da pesquisa

6.^a Pergunta: Em relação á metodologia de avaliação do Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica, você considera:

TABELA 6. PESPOSTAS DOS PROFESSORES À QUESTÃO N.º 6

Teor das respostas dos professores	N.º de Respostas
Adequada	4
Apresentado falhas	4
Inadequada	0

Fonte: os dados da pesquisa

7.ª Pergunta: Justifique a resposta anterior:

TABELA 7. RESPOSTAS DOS PROFESSORES À QUESTÃO N.º 7

Teor das respostas dos professores	N.º de Respostas
Produtivo o “ <i>Feedback</i> ” no último encontro obtendo-se a produtividade do grupo	4
O relatório contém o conteúdo observado e o trabalho escrito a pesquisa teórica	4
Bem distribuído os itens de avaliação com suas respectivas pontuações	3
Falhas relativas como pouco tempo de estágio	3
Falhas relativas como dificuldade do aluno de associar conceitos pré adquiridos	2
Possui itens que facilitam a obtenção da nota	1
Profissionais qualificados com instalações e equipamentos de última geração, são facilitadores do desenvolvimento do estágio e conseqüentemente da avaliação	1

Fonte: os dados da pesquisa

8.ª Pergunta: Você acha necessário aperfeiçoar o Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica?

TABELA 8. RESPOSTAS DOS PROFESSORES À QUESTÃO N.º 8

Teor das respostas dos professores	N.º de Respostas
Sim	6
Não	2

Fonte: os dados da pesquisa

9.^a Pergunta: Quais suas sugestões para aperfeiçoar o Estágio de Introdução à Prática Fisioterapêutica?

TABELA 9. RESPOSTAS DOS PROFESSORES À QUESTÃO N.º 9

Teor das respostas dos professores	N.º de Respostas
Avaliar a possibilidade de aumento da carga horária	5
Aperfeiçoar o contato entre os acadêmicos de 1.º e 2.º com os de 7.º e 8.º períodos	3
Desenvolver correlação em aula teórica com o conhecimento proporcionado pelos estágios	1
Um período como reforço do outro	1
Estimular os alunos a troca de informações não considerar esta oportunidade com aula teórica	1
Supervisor específico	1

Fonte: os dados da pesquisa

ANEXO 9 – Tabela dos Dados Coletados com os Alunos

1.ª Pergunta: Para você, estágio de observação é...

TABELA 1. RESPOSTAS DOS ALUNOS À QUESTÃO N.º 1

Teor das respostas dos alunos	N.º de Respostas
Oportuniza o conhecimento das diversas áreas de atuação do Fisioterapeuta	37
Possibilidade do conhecimento inicial da profissão	18
Oportuniza visualizar a prática como uma primeira vivência profissional	15
Possibilita o conhecimento da relação terapeuta / paciente	11
Estímulo ao estudo	10
Melhora o entendimento de como será último ano no Estágio Supervisionado	7
Possibilidade de constatar que não identifica-se com o Curso	7
O início da associação teoria/prática	5
Sem responder	4
Possibilita contato com outros profissionais / interdisciplinariedade	2
Momento de identificação profissional	2
Ambientação	2
Observar a importância da atuação profissional	2

Fonte: os dados da pesquisa

2.^a Pergunta: Quanto à explicitação do que se deveria desenvolver nos Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica, você considera que:

TABELA 2. RESPOSTAS DOS ALUNOS À QUESTÃO N.º 2

Teor das respostas dos alunos	N.º de Respostas
Foi razoavelmente explicitado	54
Foi claramente explicitado	28
Foi insatisfatoriamente explicitado	7
Não foi explicitado	0
Sem responder	1

Fonte: os dados da pesquisa

3.^a Pergunta: Foi possível reconhecer a importância do relacionamento terapeuta/paciente nos Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica?

TABELA 3. RESPOSTAS DOS ALUNOS À QUESTÃO N.º 3

Teor das respostas dos alunos	N.º de Respostas
Sim	80
Não	10

Fonte: os dados da pesquisa

4.^a Pergunta: Foi possível reconhecer resultados nas terapias assistidas durante os Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica?

TABELA 4. RESPOSTAS DOS ALUNOS À QUESTÃO N.º 4

Teor das respostas dos alunos	N.º de Respostas
Sim	39
Não	50
Sem responder	1

Fonte: os dados da pesquisa

5.^a Pergunta: Há relação entre a teoria aprendida na sala de aula com a realidade observada Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica?

TABELA 5. RESPOSTAS DOS ALUNOS À QUESTÃO N.º 5

Teor das respostas dos alunos	N.º de Respostas
Sim	50
Não	38
Sem responder	1
“Pouca”	1

Fonte: os dados da pesquisa

6.^a Pergunta: Foi possível conhecer diferentes campos de atuação da Fisioterapia?

TABELA 6. RESPOSTAS DOS ALUNOS À QUESTÃO N.º 6

Teor das respostas dos alunos	N.º de Respostas
Sim	89
Não	1

Fonte: os dados da pesquisa

7.^a Pergunta: Foi possível reconhecer a interação com demais profissionais atuantes na equipe do setor observado?

TABELA 7. RESPOSTAS DOS ALUNOS À QUESTÃO N.º 7

Teor das respostas dos alunos	N.º de Respostas
Sim	67
Não	22
Sem responder	1

Fonte: os dados da pesquisa

8.^a Pergunta: Houve condições para a elaboração dos relatórios de observação de estágio, solicitado pelo professor?

TABELA 8. RESPOSTAS DOS ALUNOS À QUESTÃO N.º 8

Teor das respostas dos alunos	N.º de Respostas
Sim	81
Não	9

Fonte: os dados da pesquisa

9.^a Pergunta: Nos Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica existe o estímulo à produção de conhecimento?

TABELA 9. RESPOSTAS DOS ALUNOS À QUESTÃO N.º 9

Teor das respostas dos alunos	N.º de Respostas
Sim	19
Não	4
Em parte	67

Fonte: os dados da pesquisa

10.^a Pergunta: Nos Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica existe o estímulo à pesquisa?

TABELA 10. RESPOSTAS DOS ALUNOS À QUESTÃO N.º 10

Teor das respostas dos alunos	N.º de Respostas
Sim	21
Não	12
Em parte	55
Sem responder	2

Fonte: os dados da pesquisa

11.^a Pergunta: Se tivesse que fazer duas críticas aos Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica quais seriam?

TABELA 11. RESPOSTAS DOS ALUNOS À QUESTÃO N.º 11

Teor das respostas dos alunos	N.º de Respostas
Quantidade de horas insuficiente para a proposta do estágio	25

Pouca atenção por parte dos alunos dos Últimos anos	13
Necessidade de maior associação da teoria e prática norteado pelo professor	6
Poucos locais de estágio	1
Pouca discussão com o professor	6
Pouca exigência teórica sobre a patologia não possibilitando estudo de caso	5
Pouco conhecimento para entender o observado	12
Falta orientação dada pelos professores dos procedimentos nos estágios	8
Pouca interação entre os diversos profissionais	1
“Nossa falta de interesse”	1
Avaliação falha	1
Não respondido	9
Sem críticas	3

Fonte: os dados da pesquisa

12.ª Pergunta: Quais sugestões você considera importante para melhorar o aproveitamento dos Estágios de Introdução à Prática Fisioterapêutica ?

TABELA 12. RESPOSTAS DOS ALUNOS À QUESTÃO N.º 12

Teor das respostas dos alunos	N.º de Respostas
Aumentar a carga horária do estágio	10
Associar teoria e prática norteado pelo professor	21
Acompanhar por um período de tempo maior o aluno de último ano durante o tratamento fisioterapêutico	3

Prepara melhor o aluno do último ano que recepciona os estagiários	10
Continuar o estágio no 3.º período	2
Maior incentivo à pesquisa	9
Maior esclarecimento dos procedimentos por parte dos professores	9
Estudar previamente ao estágio	7
Sem sugestão	5
Sem responder	18

Fonte: os dados da pesquisa